



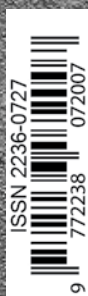
JANAÍNA FARIAS

DE CRATEÚS AO SENADO E DE VOLTA PARA CUIDAR DA SUA CIDADE

ANO XXIII • Nº 194 | OUTUBRO 2024 • R\$ 20,00

WWW.GENTEDEAÇÃO.COM.BR

Gente de Ação

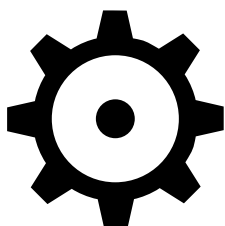


Fizemos história.
Conseguimos o impossível.
Essa vitória não é apenas
nossa, é de toda a educação
pública brasileira.

PROFESSOR

ANÍZIO MELO

A VITÓRIA DA **APEOC** NA LUTA
PELOS PRECATÓRIOS DO FUNDEF



Cratéus

Impulsionando o crescimento da
Região Centro-Oeste do Ceará



ÉTICA CONTÁBIL

Meibe Barbosa Marques
CRC 013536/0-1
meibebarbosa@eticacontabil.com.br

Janete Marques Rodrigues
CRC 022774/0-3
janete@eticacontabil.com.br

Rua Bento Coutinho, 645 - Cratéus
Tel: (88) 3691.4226

DISTRIBUIDOR DOS BONÉS TOM BOY PARA TODO O CEARÁ



PEDROSA
CONFECCOES

O FREE SHOP DA MODA SURF WEAR

Loja 01 - Ao lado da prefeitura (88) 3691.7373
Loja 02 - Ao lado do Arco N. Sra. de Fátima (88) 3691.8744
Cratéus - Ceará



LC-Publicidade

Placas Luminosas - Outdoor - Banners
Letras Caixa - Sinalização de Veículos

(88) 3629-1237 / 9650-6060

Av. Dr. José Maria Fernandes Leitão, 570



Propaganda e Papelaria

Material Escolar e Escritório
Revelação de foto Digital

Rua Cazuza Rocha, 171 - Novo Oriente - Ce.



SALES NETO
ABOGACIA

+55 (85) 99616 1518
salesneto@hotmail.com

Fortaleza-CE
Cratéus-CE

POSTO BEIRA RIO

24h



BR
BEIRA RIO



Av. Sargento Hermínio, 500
Tel.: (88) 3691.2888
Cratéus-CE



O IBGOV DESENVOLVE AS MELHORES PRÁTICAS DE **GOVERNANÇA CORPORATIVA**

O INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA constitui-se no objetivo de pesquisar, ensinar, difundir e fomentar boas práticas de gestão públicas e privadas, isoladamente e em formato de parceria que valorizem sempre os princípios da eficiência, da legalidade, da *accountability*, da transparência, da ética corporativa e pública, dos processos de decisões orientados por consenso, da igualdade e da inclusão na firme contribuição ao Estado Democrático de Direito. O IBGOV, através de conferências, consultoria e implantação de melhores práticas de Governança, busca proporcionar mais eficiência às organizações públicas e privadas no Brasil.



(85) 3241.3577



WWW.IBGOV.COM



EXPEDIENTE

DIRETOR–SUPERINTENDENTE E COMERCIAL

Antonio Dideus Pereira Sales

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Luciana Barroso

Mtb. CE 2117–JP

REDATORES

Dideus Sales

Luciana Barroso

COLABORADORES

Antero Pereira (Historiador);

Aurora Miranda Leão (Jornalista);

Bernivaldo Carneiro (Escritor);

Bruno Paulino (Escritor);

Erika Bataglia (Professora);

Gervásio Castro Neto (Cartoonista);

Júnior Bonfim (Poeta e advogado);

Linda Lemos (Escritora e psicóloga);

Lucio Telmo Meireles (Advogado);

Raimundo Cândido (Professor e escritor);

Zacharias Bezerra de Oliveira (Jornalista);

Zélia Sales (Escritora)

NESTA EDIÇÃO

Aldairton Carvalho (Advogado);

Daniela Santos Barbosa (Advogada);

Dimas Macedo (Advogado e escritor);

Guimarães Silva (Escritor e professor);

Juarez Leitão (Escritor e poeta);

Sara Pimentel (Poeta e estudante);

Totonho Laprovitera (Arquiteto e artista plástico);

PROJETO GRÁFICO

Wiron Teixeira • wironetx@gmail.com

DIAGRAMAÇÃO

Ed Batalha • edstudio2000@gmail.com

FOTOGRAFIA

Dideus Sales

IMPRESSÃO

Expressão Gráfica e Editora Ltda.

TIRAGEM

5.000 exemplares

Esta é uma publicação de
Gente de Ação Produção Cultural e Artística Ltda.
Rua Armando Praça, 1730
Aracati – Ceará
CEP: 62.800-000
E-mail: gentedeacao@gmail.com
Tel.: (88) 99778.8399 ☎

EDITORIAL

CENÁRIO POLÍTICO DO INTERIOR CEARENSE NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2024

As eleições municipais de 2024 no Ceará, revelaram dinâmicas políticas interessantes, com resultados que reforçam o protagonismo de partidos tradicionais e, ao mesmo tempo, trazem à tona novas forças políticas em diferentes regiões do estado. 182 dos 184 municípios cearenses definiram seus prefeitos em primeiro turno. Fortaleza e Caucaia foram as únicas cidades com disputas trazidas para o segundo turno.

O PSB emergiu como a maior força no cenário estadual, conquistando 65 prefeituras, seguido de perto pelo PT com 47. Os 72 municípios restantes dividiram-se entre 11 partidos, o que reflete uma fragmentação do poder político, com partidos históricos de destaque nas últimas décadas perdendo espaço em alguns locais. PSD, Republicanos e PP também marcaram presença significativa, com 17, 14 e 13 prefeituras respectivamente. Ao PL, considerado de extrema-direita, restou uma prefeitura, no entanto, o partido disputou o segundo turno na capital do Estado com o candidato André Fernandes que foi derrotado por Evandro Leitão com apertada diferença de 10.838 votos. Chama também atenção o declínio do PSDB, sigla que na década de 90 (1992) chegou a ter 91 municípios sob seu comando e neste pleito ficou apenas com dois, Iguatu e Massapê.

Juazeiro do Norte viveu um momento histórico ao eleger, pela primeira vez, um prefeito para um segundo mandato. Glédson Bezerra (PODE) alcançou uma reeleição expressiva, desafiando a tradição local de alternância no poder. Em Sobral, a surpresa foi a vitória relativamente apertada do candidato do União Brasil, Oscar Rodrigues, com 52,42% dos votos. Izolda Cela, ex-governadora do estado e candidata apoiada pelo atual prefeito ficou com 47,58%, uma diferença de pouco mais de 6 mil votos. O cenário político no Crato, outro polo regional do Cariri, também apresentou uma disputa acirrada, com André Barreto (PT) derrotando por uma margem estreita o candidato do União Brasil.

O interior do Ceará, tem se mostrado um campo de intensas batalhas eleitorais, com forças políticas locais cada vez mais engajadas e estratégias que miram não apenas as demandas regionais, mas também o alinhamento com os grandes líderes estaduais e nacionais.

Diante desse cenário, é essencial que cada cidadão reflita sobre o impacto do seu voto e a responsabilidade que ele carrega. As decisões tomadas nas urnas moldam o futuro das cidades, influenciando diretamente o desenvolvimento social, econômico e político das comunidades locais. O momento é de conscientização e engajamento: a política não se limita ao ato de votar, mas ao acompanhamento dos gestores eleitos e à cobrança de ações.

ÍNDICE

04 – EDITORIAL

CENÁRIO POLÍTICO DO INTERIOR CEARENSE NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2024



6 a 12 – ESPECIAL

PROFESSOR ANÍZIO MELO - A VITÓRIA DA APEOC NA LUTA PELOS PRECATÓRIOS DO FUNDEF

13 a 19 – ARTIGO

(Zacharias Bezerra de Oliveira)

A ÚLTIMA PÁGINA DE RACHEL DE QUEIROZ

(Linda Lemos)

BIBLIOTECA NACIONAL AUSTRIACA

(Erika Bataglia)

RESPONSABILIDADE ÉTICA NO DESENVOLVIMENTO DA IA: QUEM É RESPONSÁVEL PELAS DECISÕES DE UMA MÁQUINA?

(Daniela Santos Barbosa)

A DISCRIMINAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS REDES SOCIAIS: ESTAMOS FALANDO DE CRIME!

(Dimas Macedo)

A POESIA DE HERMÍNIA LIMA

(Guimarães Silva)

O QUE SIGNIFICA FAZER PARTE DA GENTE DE AÇÃO

(Juarez Leitão)

REGIS JUCÁ

20 a 23 – GENTE QUE BRILHA

JANAÍNA FARIAS - DE CRATEÚS AO SENADO E DE VOLTA PARA CUIDAR DA SUA CIDADE

24 a 27 – CONTO

(Zélia Sales)

MESTRE SALU

(Totonho Laprovitera)

CONFISSÃO DE UM EX-FUMANTE

(Bruno Paulino)

NOTAS SOBRE O CAPITÃO JAGUNÇO

(Júnior Bonfim)

MISSIVA PARA O ANIVERSARIANTE CÉSAR

28 – CONTO

(Bernivaldo Carneiro)

FLATOS, FOTOS & FUGA

30 - POESIA

(Sara Pimentel)

PRIMAVERA

31 - MENINA DE MOSAICO

(Luciana Barrozo)

32 - CARTOON

(Gervásio Castro Neto)

33 - REFLEXÃO

(Aldairton Carvalho)

34 – ARTE & CULTURA

(Aurora Miranda Leão)

SUBNUTRIDA MANIA: NOVELA NAUFRAGA RODANDO EM CÍRCULOS E SEM NENHUM TEMA PULSANTE

36 e 37 - CRÔNICA

(Lucio Telmo Meireles)

TIRO CURTO

O MARIDO OBEDIENTE

38 - CRÔNICA

(Raimundo Cândido)

CHICO PASCOAL - O POETA

39 - HISTÓRIAS DO ARACATI

(Antero Pereira)

CAMINHADA II

40 - HORÓSCOPO

41 - CULINÁRIA

RECEITA NA AIRFRYER: FRANGO COM LEGUMES

42 - POETIZANDO

(Dideus Sales)

NÃO CONSINTA QUE A TRISTEZA INVADA SUA ALEGRIA



POINT CERTO

CHURRASCARIA E PIZZARIA

88 3421-5422
88 9 9989-0096 | 9 9424-5296
Av. Cel. Alexanzito, 231 - Centro - Aracati/CE







PROFESSOR **ANÍZIO MELO**

A VITÓRIA DA



APEOC

NA LUTA PELOS PRECATÓRIOS DO FUNDEF

O Sindicato APEOC tornou-se protagonista em uma das maiores lutas pela valorização da educação pública no Brasil. Liderada pelo professor Anízio Melo, presidente do sindicato, a batalha pelos precatórios do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) se consolidou como um marco na história dos educadores e das políticas públicas educacionais no Brasil. Em entrevista, Anízio nos conta como foi essa jornada, cheia de desafios, reviravoltas e conquistas que beneficiaram milhares de professores e profissionais.

Desde o início de sua presidência no Sindicato APEOC, o professor Anízio Melo tinha um objetivo claro: transformar a educação pública através de um sindicalismo propositivo. *“Quando assumimos a direção da APEOC, entendemos que o sindicalismo precisava virar a página daquele sindicalismo apenas reivindicatório, mas ao mesmo tempo faltava fundamentação, conteúdo. Era necessário embasar nossas lutas em conhecimento profundo, com uma visão estratégica para superar as deficiências que tinha a educação pública”,* reflete Anízio.

Essa nova perspectiva guiou o sindicato na batalha histórica pelos precatórios do FUNDEF, um dos maiores resgates financeiros já visto na educação brasileira, que se tornou um marco para a valorização dos profissionais do magistério. O caminho foi árduo, mas resolvido na destinação de 60% desses recursos diretamente para os professores, e 40% para a infraestrutura das escolas. Um feito que garantiu justiça para milhares de docentes e impulsionou melhorias na educação pública.

O INÍCIO DA LUTA: DETECTANDO A INJUSTIÇA

A luta pelos precatórios do FUNDEF começou nos anos 1990, quando foi identificado um erro sistemático no repasse dos recursos da União para estados e municípios. *“A complementação feita pela União estava equivocada. Nenhum governo, de qualquer cor ou partido, buscou concordar com essa alteração. Quando os recursos chegavam, em vez de serem aplicados na educação, eram destinados para o que as prefeituras determinassem”,* conta Anízio.

Foi a partir da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do FUNDEF, presidida pelo então deputado estadual Artur Bruno, que o problema começou a ser desvendado. *“A CPI foi fundamental para identificarmos o mau uso dos poucos recursos que chegavam. Estávamos diante de um cenário*



em que não só os recursos da educação eram so-negados, como também desviados quando chegavam aos cofres municipais”, relembra.

Ele conta que, naquele momento, só quem poderia arguir legalmente, por meio de ação na justiça, eram os estados e municípios. O sindicato não tinha a legitimidade para cobrar diretamente da União aquilo que ela não repassou. *“Mas, todos os estados e municípios, quando reivindicavam e recebiam algum valor não destinavam o dinheiro para educação ou para os professores, ele vinha livre, leve e solto para que os gestores fizessem o que quisessem com esse recurso que era da educação”.*

Quando foi possível, juridicamente, a intervenção dos sindicatos representantes das categorias da educação, a APEOC - Sindicato dos Servidores Públicos lotados nas Secretarias de Educação e de Cultura do Estado do Ceará e nas Secretarias ou Departamentos de Educação e/ou Cultura dos Municípios do Ceará - resolveu encampar a busca pela destinação correta dos recursos do Fundef.

Foi aí que surgiu a banca de advogados liderada por Aldairton Carvalho. A ideia era construir uma tese que pudesse ser vencedora de uma questão que tinha muita gente contra. *“Começamos a*



formar nossa estratégia. Sabíamos que tínhamos que enfrentar o que chamamos de 'lobby do mal', formado por governadores, prefeitos e pessoas poderosas, que queriam os recursos sem qualquer compromisso com a educação ou com o professor", diz Anízio.

Além do Poder Judiciário, ainda era preciso enfrentar a Procuradoria Geral da República (PGR), os tribunais de contas dos estados (TCEs), o Tribunal de Contas da União (TCU) e os tribunais de contas dos municípios (TCMs), além do Ministério Público Federal (MPF) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento Regional (FNDR). No Congresso Nacional, deputados e senadores mostraram uma predisposição objetiva de apoiar governadores e prefeitos. Em síntese, era apenas um sindicato - e posteriormente a Frente Norte e Nordeste pela Educação - contra todo um sistema jurídico.

De maneira didática, Anízio compara o processo com um campeonato de futebol. Ele explica

que o Poder Judiciário, nas suas instâncias, primeira, segunda e terceira, tinha uma tendência a referendar a tese dos governos. *"Víamos o STF como a Série A, a segunda instância como a Série B e a primeira instância como a Série C. Começamos pela Série C, onde pudemos debater a questão do mérito, isto é, o reconhecimento de que esse dinheiro era da educação e dos professores", explica.*

A tese central da APEOC sustentava que os recursos deveriam ser destinados à educação e que 60% deles eram reservados aos profissionais do magistério, conforme previsto na legislação original do FUNDEF.

Enquanto o Tribunal de Contas da União (TCU) insistia que não era legal destinar o dinheiro aos professores, a APEOC resistiu. *"Eles disseram que o professor não poderia 'enriquecer' com esse dinheiro, como se fosse um luxo pagar o que é de direito. Chamaram-nos de incompetentes, mas nós sabíamos que tínhamos razão", enfatiza.*

Os recursos chegaram para municípios como Maracanaú, Aracati e Fortaleza, no entanto, sem nenhuma destinação para a educação ou para os educadores. As prefeituras maquiavam o tema, distribuindo tablets e computadores para os professores e usavam o restante do recurso da forma que considerassem melhor. A tese da APEOC queria justamente reverter isso. Se era recurso originário do Fundef precisava manter a vinculação prevista na lei do Fundef: 40% para educação, 60% para o professor.

A CONQUISTA NAS INSTÂNCIAS JUDICIAIS

Em 2017, o sindicato alcançou uma das primeiras grandes vitórias. O Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF-5) declarou que os recursos dos precatórios do FUNDEF deveriam ser destinados à educação e aos professores. Foi a primeira decisão que implicou a vinculação de 60% aos profissionais do magistério. *"Foi um marco, uma vitória contra o TCU, o Congresso Nacional e o governo. Pagamos 158 milhões aos professores*





de Juazeiro do Norte graças a essa decisão”, comemora Anízio.

Segundo ele, mesmo com essa vitória, o “lobby do mal” continuou atuando. Governadores, prefeitos e o próprio TCU insistiram em questionar a destinação dos 60% para os professores. Mas a APEOC, junto com apoiadores como o então deputado federal João Henrique Caldas (JHC), recém reeleito prefeito de Maceió, continua recebendo instruções. JHC, inclusive, foi responsável por propor o Projeto de Lei 10.880, que formalizou a subvinculação dos precatórios. *“Esse PL foi essencial. Escrevemos a base dele aqui, no Sindicato APEOC, e foi levado ao Congresso por JHC. A partir daí, conseguimos consolidar nossa luta”, conta.*

Hoje, a Lei nº 14.325, de 12 de abril de 2022, originada no Projeto de Lei 10.880/18, do então deputado JHC (AL), hoje prefeito de Maceió, determina o que a APEOC apresentou desde o início

como tese. Ela diz que os valores devem ser “*utilizados na mesma finalidade e de acordo com os mesmos critérios e condições estabelecidos para utilização do valor principal dos Fundos*”.

A AMEAÇA DA PEC 114 E A PERSISTÊNCIA DO SINDICATO

Apesar das conquistas, uma nova ameaça surgiu com a PEC 114/2021, proposta pelo governo Bolsonaro, que visava, segundo Anízio “*dar um calote nos precatórios*”, comprometendo o pagamento aos professores. “*Foi um momento crítico*”, lembra.

Mesmo enfrentando problemas de saúde, Anízio e a equipe da APEOC foram à Brasília para lutar contra a aprovação da PEC. “*Cheguei lá com um derrame ocular e uma conjuntivite, mas não podíamos parar. Fomos o único sindicato a*



participar da audiência pública sobre a PEC 114, e conseguimos adiar a votação”.

A persistência da APEOC foi fundamental para a derrota da PEC 114, garantindo que os professores recebessem os recursos devidos.

A Emenda Constitucional nº 114/2021 criou um teto para o pagamento dos precatórios da

União, que durará até o fim de 2026. No entanto, após muitas críticas e lutas dos servidores, a proposta original do governo foi alterada no Senado Federal, com a exclusão dos precatórios do Fundef da regra do teto de gastos, aspecto mantido no texto promulgado.

O IMPACTO FINAL NO CEARÁ

Ao todo, o Ceará recebeu cerca de 9 bilhões de reais oriundos dos precatórios do FUNDEF, dos quais 60% foram destinados diretamente aos professores. *“Foi a maior recuperação de recursos da história do estado. Esses valores mudaram vidas, e não só dos professores, mas de toda a educação pública”*, celebra Anízio.

A vitória da APEOC na luta pelos precatórios do FUNDEF não foi apenas uma vitória jurídica, mas uma conquista histórica para a educação e para os profissionais que, por anos, foram negligenciados. O protagonismo de Anízio Melo e de sua equipe foi essencial para transformar essa luta em uma realidade concreta, garantindo justiça e valorização aos educadores.

Hoje, o sindicato APEOC é reconhecido em todo o Brasil como um dos grandes protagonistas dessa luta. *“Fizemos história. Conseguimos o impossível. E essa vitória não é apenas nossa, é de toda a educação pública brasileira”*, comemora Anízio.

A batalha pelos precatórios do FUNDEF mostrou que, com determinação e estratégia, é possível enfrentar até os maiores adversários em prol de uma causa justa.

RECEBIMENTOS FUTUROS

Ainda há valores do Fundef a serem pagos, conforme explicado pelo presidente da APEOC, Anízio Melo. Ele esclarece que a primeira parte dos recursos, considerada incontroversa, foi garantida, referindo-se aos montantes que a União

já declarou como devido. Entretanto, para os estados do Norte e Nordeste, como o Ceará, ainda há uma parcela controversa: um valor adicional que a União questiona. *“O governo Lula, através da PGE, tenta uma negociação forçando estados e municípios a abrir mão do chamado ágio, para acelerar a finalização dos processos”,* diz Anízio. Ele aponta que o sindicato discorda dessa negociação, afirmando que esses valores, conquistados após anos de luta, são um direito dos professores e da educação e que abrir mão de parte deles significa uma perda significativa para a categoria.

No caso específico do Ceará, os cálculos iniciais indicavam um direito de cerca de R\$ 2,2 bilhões dessa parte controversa, mas com o acordo entre União e governo estadual, esse valor ficou em torno de R\$ 900 milhões, a serem pagos em três parcelas em 2025, 2026 e 2027. *“Juntaram os governos estaduais e a União e negociaram aquilo que era do professor, era da educação, sem nos chamar para o debate”,* destaca o presidente da APEOC, reforçando que a luta pelo valor total continua.

Seguindo com a analogia ao futebol para ilustrar a trajetória dessa batalha, Anízio enfatiza que ela foi marcada pela persistência e pela superação de muitos obstáculos. *“Enfrentamos primeiro como campeões na série C, B e A. Subimos para a série A, estamos sendo vencedores, mas como todo time que está na série A, temos que estar vigilantes, porque se não continuar vigilante, cai”,* declara. Ele lembra ainda que essa vitória não foi fácil: *“Foram abnegados e abnegadas, que transformaram o impossível em possível, beneficiando milhares de professores”.*

A batalha pelo Fundef, explica o presidente da APEOC, é parte de uma luta maior pelo financiamento da educação e pela valorização dos profissionais. *“Estamos lutando pelo passado, preservando o presente e garantindo o futuro, com o novo Fundeb e agora, na questão do pré-sal”,* finaliza o Presidente da APEOC. 🗣️



A ÚLTIMA PÁGINA DE RACHEL DE QUEIROZ



ZACHARIAS BEZERRA DE OLIVEIRA
JORNALISTA E ESCRITOR

E levando-se a coisa ao extremo, se é mesmo para ganhar dinheiro a todo o custo, o Brasil inteiro pode ser fretado. Não faltam, por esse mundo, companhias poderosas, dispostas a pagar em bons dólares. Ou em bons rublos, se for o caso.

(Rachel de Queiroz, em A última página, Revista O Cruzeiro, 04/01/1964).

NAVIOS

O que aconteceu? Rachel de Queiroz aclara que a segunda guerra mundial acabou com a oportunidade que se tinha até então para viajar de navio Brasil a fora. “Havia linhas regulares de Porto Alegre a Manaus, e se dispunham de navios pelo menos duas vezes por semana, um do Loide outro da Costeira”. Ela fala da quantidade quase ilimitada de bagagem, sem as restrições das companhias aéreas. Baús no convés, cadeiras, quatro malas no camarote, animais de estimação... “meu pai certa vez levou um bezerro”, diz a escritora.

Quando os submarinos nazistas afundaram os navios brasileiros, o governo federal já abandonara as vias férreas para o transporte por trens. Os navios passaram a ser usados para o transporte de gêneros de primeira necessidade. Sem navios, sem trens, a prioridade foi construir estradas e abrir caminho para as montadoras de carros, ônibus e caminhões. O jeito foi se acostumar com isso e, quem quisesse e pudesse recorrer ao transporte por avião.

A colunista animou-se quando, em 1963, quatro transatlânticos - “Princesa Isabel”, “Princesa Leopoldina”, “Rosa da Fonseca”, “Ana Nery” - iniciaram “transporte de luxo para os brasileiros do Amazonas ao Rio Grande”. Ela teve a oportunidade de conhecer um desses navios quando subiu a bordo para levar seu primo, Maurício Holanda, de retorno à terrinha. “Parece navio de linha da Europa: ar condicionado..., camarotes com banheiros..., bonitos salões, ... cabeleireiro, até duas piscinas!” Fala de um cinema, mas que ela não viu.

Empolgada, Rachel saiu do cais e dirigiu-se à Companhia Costeira na Rua Sacadura Cabral. Queria reservar passagens num daqueles “belos e modernos navios”.

Anotados os nomes, o atendente alegou nada poder garantir. Alegou o acidente ocorrido com o “Ana Nery”, abalroado por um petroleiro. Indagado sobre os outros três navios, o funcionário abriu o jogo: “Ficavam três navios, mas não na linha”. Os navios, simplesmente, “havam sido fretados por agências de viagens para cruzeiros de turismo”.

Decepcionada, ela reclamou dos vinte anos de espera e, agora, com as promessas de que seriam resgatadas as linhas com esses navios, eles são fretados por particulares. Disse que isso era um disparate!

Revoltada, ela disparou uma série de sugestões: “Por que não alugar o Palácio da Alvorada... e lá hospedar turistas ricos?” E que fosse também transformado em hotel o Palácio do Catete. “Já pensaram que hotel monstro daria o Ministério da Fazenda?” Ela diz que há aposentos no último andar desse ministério “com banheiro de luxo e jardins suspensos”. Segue sugerindo para se vender os livros da Biblioteca Nacional, os quadros do Museu de Belas Artes. E até que se busque “um alugador para os Correios e Telégrafos”!

A farra das privatizações de hoje no Brasil indica que nada mudou de lá para cá! 🌀





MARIA LINDA LEMOS BEZERRA
PSICÓLOGA E ESCRITORA

BIBLIOTECA NACIONAL AUSTRIACA



A Biblioteca Nacional Austriaca (*Österreichische Nationalbibliothek*) é uma jóia arquitetônica, construída no século XVIII, sob o mandato do Imperador Carlos VI, para servir à corte. A Sala Imperial (*Prunksaal*) é uma estância imponente, com mais de 70 metros de comprimento. Ambiente idílico, rodeados de estátuas de mármore, pinturas e afrescos no teto. As estantes de madeira de castanho conservam mais de 200.000 livros, impressos entre os anos 1500 e 1850, e mais de oito milhões de livros expostos no Museu do Papiro e no Museu do Globo Terrestre, além da coleção de 15.000 volumes do Príncipe Eugênio de Saboya, que soma-se aos diversos outros procedentes de bibliotecas monásticas, fechadas durante as reformas religiosas de José II.

No precioso local, estive em 30.03.2024, exposta a coleções de incunábulo¹. [mapas](#) e [atlas](#) confeccionados em [papiro](#), além de vários documentos iconográficos. [A monumental biblioteca](#) está localizada no centro de Viena, próxima de interesse como a *Wiener Staatsoper* (Ópera Estadual de Viena), *Stephansdom* (Catedral de Santo Estevão) e a vasta área de Hofburg, antigo Palácio Imperial de Habsburgo.

¹ Incunábulo são livros impressos nos primeiros tempos da imprensa, entre 1455 (data aproximada da publicação da Bíblia de Gutenberg) até 1500. Essas obras imitavam os manuscritos.

Está entre as 10 bibliotecas mais lindas do mundo, tais sejam: Biblioteca Nacional da República Tcheca, localizada no Klementinum, um complexo histórico no centro de Praga, considerada uma pérola barroca. Biblioteca do Monastério Beneditino de Admont, na Áustria, conhecida pela beleza barroca. Biblioteca Municipal de Stuttgart, localizada na Alemanha, considerada um paraíso para arquitetos. Biblioteca Trinity College, em Dublin, na Irlanda, uma das mais antigas do país. Biblioteca George Peabody, em Baltimore, nos Estados Unidos, construída no estilo neoclássico. Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, guarda de acervo valioso. Biblioteca Nacional da China, em Pequim, a maior da Ásia. Biblioteca Palafoxiana de Puebla, uma das mais antigas da América Latina. 🌐



RESPONSABILIDADE ÉTICA NO DESENVOLVIMENTO DA IA: QUEM É RESPONSÁVEL PELAS DECISÕES DE UMA MÁQUINA?



ERIKA BATAGLIA
PROFESSORA UNIVERSITÁRIA

A imagem da inteligência artificial (IA) evoluiu rapidamente, saindo das páginas da ficção científica e adentrando a realidade de nosso cotidiano. Desde algoritmos de recomendação até carros autônomos, a IA permeia cada vez mais setores da sociedade. Com isso, surge uma questão fundamental: quem é responsável pelas decisões tomadas por essas máquinas? Os programadores que criam os códigos, as empresas que as implementam ou a própria IA, caso atinja um nível de autonomia que a permita “decidir” por si só?

A ideia de uma IA autônoma, capaz de tomar decisões éticas, ainda pode parecer algo distante, mas a realidade nos diz o contrário. A cada dia, algoritmos tomam decisões que afetam nossas vidas: aprovam ou negam créditos bancários, recomendam tratamentos médicos, influenciam processos seletivos. Essas decisões, por mais “neutras” que possam parecer, refletem escolhas humanas, e aqui começa a discussão ética. Afinal, quem programa a IA embute nela, consciente ou inconscientemente, suas próprias visões de mundo, seus preconceitos e suas limitações morais.

Immanuel Kant, em sua ética deontológica, propôs que a moralidade de uma ação deve ser avaliada pela intenção do agente, e não pelas consequências do ato. Se aplicarmos essa perspectiva à IA, o foco ético deveria estar nos programadores, que inserem as diretrizes iniciais no código, e não necessariamente nas decisões que a IA toma. Afinal, a IA, enquanto máquina, não possui intenção própria. Ela executa algoritmos baseados nas instruções que recebe. No entanto, Kant também acreditava que os seres humanos devem ser tratados como fins em si mesmos, e não como meios para um fim. Isso levanta uma questão: até que ponto os programadores e as empresas desenvolvem a IA para beneficiar a humanidade, ou para usá-la como ferramenta de lucro?

Muitos defendem que a responsabilidade de uma IA reside, antes de tudo, nos programadores e engenheiros que a desenvolvem. São eles que criam os algoritmos e determinam as diretrizes iniciais que a máquina seguirá. No entanto, é impossível prever todas as situações que uma IA pode enfrentar. Por mais cuidadosos que sejam os

programadores, é inevitável que a máquina enfrente dilemas não programados. E quando isso acontece, de quem é a responsabilidade?

Alguns argumentam que as empresas que implementam essas tecnologias devem arcar com a maior parte da responsabilidade, pois são as principais beneficiárias da eficiência da IA. Contudo, muitas vezes o lucro se sobrepõe a considerações éticas, resultando em decisões que favorecem certos grupos e perpetuam desigualdades. Embora as empresas possam criar políticas para garantir o uso ético, o foco no lucro pode comprometer essas intenções.

E quanto à própria IA? Será que um dia poderemos responsabilizá-la por suas decisões? Aristóteles, em sua ética, sugere que a responsabilidade moral decorre da escolha deliberada e do uso consciente da razão. A IA, no entanto, carece de consciência e julgamento moral, sendo limitada a cálculos. Seria possível, então, que uma máquina algum dia atingisse esse nível de responsabilidade, ou sempre será uma ferramenta guiada por interesses humanos? 🤖





DANIELA SANTOS BARBOSA
ADVOGADA

A DISCRIMINAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS REDES SOCIAIS: ESTAMOS FALANDO DE CRIME!

Em Aracati, mais precisamente no distrito de Cabreiro, a empreendedora e blogueira Natália Costa começou a ver sua realidade mudar através da força das redes sociais, em especial, o Instagram, onde a mesma mostra a sua rotina de trabalho com a venda de artesanatos feitos de palha da carnaúba. A internet contribuiu para que Nat (como é chamada carinhosamente por seus amigos, familiares e seguidores) crescesse exponencialmente e ficasse conhecida em todo o país, não apenas por seus produtos de excelente bom gosto, mas por enfatizar todos os dias que pessoas com deficiência não podem ser reduzidas às suas condições genéticas.

Todavia, apesar de seu trabalho espetacular que faz diariamente na internet e de sua força ao mostrar que a deficiência que possui não pode definir o seu futuro, Natália sentiu recentemente o gosto amargo de transitar pelas ruas da internet, onde existem pessoas que estão dispostas a machucar o outro gratuitamente, por pura diversão. Nos últimos dias Natália se deparou com um vídeo feito através de uma montagem, onde sua imagem é ridicularizada por centenas de pessoas – os comentários feitos pelos homens seguiam uma linha grosseira e sexual, com palavras e piadas direcionadas à aparência de Nat e do outro lado, os comentários feitos pelas mulheres, seguiam a linha preconceituosa e capacitista.

É imprescindível esclarecer que a discriminação contra pessoas com deficiência constitui um grave problema que persiste no cenário contemporâneo, além de ser considerado crime, uma vez que o artigo 88 da Lei nº. 13.146/2015 – Estatuto da Pessoa com Deficiência prevê uma pena de reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa, para quem praticar, induzir ou incitar discriminação de pessoa em razão de sua deficiência.

Em 2023, a Lei nº. 14.532 acrescentou o § 3º ao artigo 140, qualificando o crime de Injúria e tem o seguinte texto: “Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a religião ou à condição de pessoa idosa **ou com deficiência**, a pena será de reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa”. (Brasil, 2023) Acertadamente, o legislador entendeu que as condutas praticadas através das redes sociais mereciam uma punição diferente e para isso dispôs no § 2º do artigo 141 que “Se o crime é cometido ou divulgado em quaisquer modalidades das redes sociais da rede mundial de computadores, aplica-se em triplo a pena”.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência estabelece diretrizes fundamentais para a proteção da dignidade dessas pessoas, porém, as plataformas digitais, na sua grande maioria (e isso é lamentável), tornam-se palco de manifestações preconceituosas que atentam contra esses direitos, criando ambientes hostis e vulneráveis.



Por mais que os avanços legislativos e as garantias de direitos estejam cada vez mais presentes no ordenamento jurídico brasileiro, pessoas com deficiência como Natália Costa ainda sofrem com o estigma de suas condições genéticas, todavia, a voz dessas pessoas estão cada vez mais fortes e nesse ponto a internet é uma aliada muito importante, pois o desabafo de uma pode mudar a realidade de tantas outras.

É importante salientar a imprescindibilidade do registro do Boletim de Ocorrência por parte da vítima da Injúria praticada através das redes sociais, pois com o número do registro as autoridades policiais poderão requisitar junto ao Instagram (como é o caso) os dados cadastrais do proprietário da conta que praticou, induziu e/ou incitou as discriminações na internet e que muitas vezes se escondem em perfis *fakes* para tentar burlar a capacidade de localização das autoridades.

É imperativo que o debate público seja constantemente alimentado por iniciativas de educação e conscientização sobre os direitos das pessoas com deficiência, promovendo o respeito e a inclusão. Por fim, é notório o quanto a sociedade ainda falha em proteger os mais vulneráveis, desde crianças, adolescentes, idosos e pessoas com deficiência, principalmente quando vemos casos como o vivenciado por Nat atingir números expressivos de compartilhamentos e comentários depreciativos.

Natália Costa é uma mulher visionária, empreendedora de sucesso, dona da própria história e como ela mesma diz: Você é muito mais do que uma imagem refletida no espelho. 🌟

A POESIA DE HERMÍNIA LIMA



DIMAS MACEDO

DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Vivemos um tempo de transformação dos valores, no qual os sentidos da política e as aspirações da ética e do desejo foram retirados do campo de batalha, para que aí pudessem prosperar o mito do consumo, a coisificação do indivíduo e a substituição de Deus pelo mercado.

E se, nos dias de hoje, a representação deformada do desejo e a reificação dos sentimentos alimentam as pulsões de morte do sujeito; em contrapartida, não podemos esquecer que a arte da palavra e os poetas de profunda imersão na estética do corpo e do silêncio são capazes de nos levar de volta para a vida.

Entre esses poetas, eu ponho o nome de Hermínia Lima, cuja poesia me parece tecida pelas linhas do afeto e pela brisa que nos beija o rosto sempre que ouvimos a sua proposta criativa.



Mestra e Doutora em Literatura, professora de História da Arte, criadora de símbolos literários e arquiteta de muitas armadilhas do texto, Hermínia é uma voz que se quer em chamas até à última louvação do corpo, isto é, até o resgate da sua memória e da sua identidade.

Hermínia sabe costurar seus poemas com todos os ferros da língua, e sabe recortar a sua arte com os fios da linguagem daqueles que leem a sua partitura. A lírica, o êxtase, a sensualidade e todos os dígitos eróticos da alma são os segredos que essa escritora cearense carrega.

Sempre li os seus poemas com a maior atenção, reconhecendo-me em alguns dos seus textos, queimando-me em suas reticências e nos seus hiatos, na sua musicalidade e nas notas da sua escansão paradigmática.

Autora do ensaio, *Uma Palavra Marcada – Emoção e Consciência na Poética de Pedro Lyra* (1999), e dos poemas reunidos em *Sangria Azul* (2001), *Lendas do Sagrado* (2013) e *Livro das Ausências* (2023), Hermínia é uma das escritoras mais inquietas da sua geração.

A sua obra de ensaísta e de poeta me parece marcada pelos valores da estética e da palavra ritmada, pelos apelos da sensibilidade e da emoção literárias e pela sugestão erótica que transborda da sua criação.

Mas não me quero alongar neste texto, especialmente porque o escrevi à revelia da autora, que nada me pediu. Fi-lo com o coração em festa, e nem sequer o concebi para agradar a mim mesmo. ☺





GUIMARÃES SILVA

ESCRITOR E PROF. DE LITERATURA (UECE)

O QUE SIGNIFICA FAZER PARTE DA GENTE DE AÇÃO

Chegar a uma terra nova é um momento sempre desafiador, mas pode ser também uma oportunidade para muitos aprendizados e desenvolvimentos. Minha chegada a Aracati, por ocasião da abertura de um novo *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE), com a instalação dos cursos de licenciatura em Português, Inglês e Matemática na Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Litoral Leste (FECIL), consiste basicamente num desses instantes que concentram enormes desafios e possibilidades. Venho das alterosas de Minas Gerais, com uma formação que inclui o estudo de línguas e literaturas diversas, desde as antigas (como a grega e a latina) até às modernas (como a francesa e a alemã), sem perder de vista a relação entre palavras, pensamentos e ações. Meus interesses por filosofia, história, teatro e educação também me fazem ficar de olhos bem abertos para as mais diversas manifestações culturais que me cercam. Por isso tudo, devo confessar que foi com grata surpresa que descobri a riqueza do patrimônio histórico e artístico do Aracati quando desembarquei aqui.

Recém-chegado à região — cuja fama se deve sobretudo às belezas naturais de praias tão deslumbrantes quanto as de Canoa Quebrada, Majorlândia e Quixaba —, formalizei um projeto de extensão universitária sob o título de “O Aracati literário”. Minha intenção era realizar um trabalho que integrasse pesquisa, ensino e ação direta junto à comunidade, repertoriando o potencial literário de publicações e manifestações culturais da região, desde seus primórdios até os dias de hoje. Para isso, eu e meus estudantes (entre bolsistas e voluntários) recorriamos ao sentido lato de “literatura”, tal como delineado por Antonio Candido em sua palestra “O direito à literatura” (1988). Buscávamos abarcar, assim, “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Ainda que tenhamos problematizado certos valores hierárquicos pressupostos pela formulação de Candido, essa perspectiva ampla nos permitiu abordar a cena cultural aracatiense com a abertura necessária para reconhecer sua diversidade e sua riqueza.

Em termos históricos, tivemos grata satisfação ao constatar certas relações entre essa região e literatos de renome estadual, às vezes nacional, como são os casos de Adolfo Caminha, Emília Freitas, Paula Nei, Francisca Clotilde e Beni Carvalho. O Aracati é terra que tanto gera quanto acolhe artistas pioneiros, praticantes de uma literatura capaz de pautar importantes debates políticos e sociais, incluindo questões de gênero, sexualidade,

raça e classe, sempre a partir de posicionamentos críticos diante da realidade local. Ao mesmo tempo, repertoriamos com alegria aquilo que tem sido produzido nos últimos anos por artistas nascidos ou naturalizados nessa terra. Reconhecemos o esplendor das letras cantadas nas rodas de coco e capoeira na Vila do Estevão, a singeleza das narrativas tradicionais de pescadores e labirinteadas das regiões costeiras e interioranas, assim como a doçura das canções populares. Além disso, rastreamos um conjunto considerável de obras publicadas por escrito nas últimas décadas, incluindo livros de memórias, poemas, crônicas e romances. Para citar apenas alguns dos nomes que têm se destacado de uma forma ou de outra nesses diferentes gêneros literários, podemos evocar aqui: dentre os memorialistas, Leônidas Cavalcante Fernandes, Maria do Socorro Matos, Antero Pereira Filho, Maria do Socorro Aguiar; dentre os poetas, Raimundo Herculano de Moura, Dideus Sales, Leontino Filho, Marciano Ponciano; dentre os cronistas, Lúcio Telmo, André Luis; dentre os romancistas, Valdy Ferreira de Menezes, Agamenon Viana, José Armando da Costa. É certo que existem muitas outras pessoas produzindo literatura no Aracati atualmente, com obras que inclusive desafiariam uma classificação tão genérica e estanque como a que acabo de delinear, mas só arrisquei essa listagem para dar uma vaga ideia do imenso potencial literário da região.

Há alguns meses, eu sequer conhecia a maioria desses nomes, mas hoje carrego uma sincera reverência por suas vidas e suas obras. O trabalho de pesquisa e investigação desse material tem sido contínuo e exigente. Ao mesmo tempo, nada tem se mostrado tão gratificante e prazeroso. Por meio desse esforço, aos poucos, tomei consciência do que significa fazer parte da gente de ação que atua em prol da cultura no litoral leste do Ceará. O momento de minha chegada à terra dos bons ventos, com seus desafios e oportunidades, exigiu de mim um posicionamento vigoroso para compreender melhor as novas circunstâncias em que me encontrava. Graças à colaboração de amigos queridas, dentre as quais tenho o prazer de incluir Dideus Sales, idealizador e arauto da empreitada justamente batizada como *Gente de ação*, tenho tido sucesso em promover o Aracati literário nas mais diversas frentes, incluindo nas redes sociais (com o perfil do Instagram: @oaracatiliterario). A publicação do presente texto, no presente volume desta revista, oferece a evidência mais alvissareira dessa verdade. Afinal, ideias e palavras só se mostram dignas de memória quando se transformam em ação, e é precisamente isso que gostaria de ensinar com minhas palavras naqueles que concluem aqui sua leitura: transformação. O Aracati literário é aqui e agora, só acontecendo graças ao trabalho incansável dessa gente de ação! 🌊

REGIS JUCÁ



JUAREZ LEITÃO

DA ACADEMIA CAERENSE DE LETRAS
E DO INSTITUTO DO CEARÁ

A ideia partiu de Lustosa da Costa, mas toda a cidade encampou-a: devemos fazer um livro para marcar os 60 anos de Régis Jucá.

Corria o ano de 1996 e a 13 de agosto o zelador oficial dos corações da cidade viraria sessentão.

O jornalista Lúcio Brasileiro trombeteou de sua coluna no jornal **O Povo** e todas as colunas, manchetes e rodapés se puseram em missão de aviso.

O livro, com o apropriado título de **Amigo do Peito** reuniria depoimentos de amigos e algumas passagens biográficas do ilustre varão. E seria lançado numa festa monumental no **Ideal Clube**.

Eram vinte e três atestados de admiração, onde, como num mosaico, se comporiam as múltiplas qualidades do esculápio Eduardo Régis Jucá.

Honrado pelo convite para participar do livro, apresentei o meu depoimento.

“REGIS JUCÁ E ESSAS COISAS SUTIS DO CORAÇÃO

Há pessoas que a gente conhece à distância e delas já nos tornamos amigos por compatibilidade apriorística. E ficamos apenas esperando que as circunstâncias montem o momento ideal do primeiro encontro e o início da convivência informal.

Essas coisas não acontecem por fatalidades ou encaixe venturoso da sorte: são escolhas promovidas pela admiração e pela identificação de valores que nos são caros e conscientemente definidos.

Estive pensando nisto quando, numa roda de farta alegria e animado convívio, falava com REGIS JUCÁ sobre versos, festa de sessenta anos, livro de depoimentos e caipirice.

Todos, nesta cidade, sabem de REGIS JUCÁ. Todos lhe conhecem a cara e o nome, dos jornais, da TV, dos cartazes da malograda campanha para senador. Todos lhe subscvem a fama. Muitos lhe conhecem as histórias, as qualidades profissionais, o idealismo e algumas centenas já sentiram o seu contato mágico no fundo do peito, no próprio coração.

Da leitura que fez da vida REGIS conseguiu obter o extrato essencial das coisas e, indo além dos diplomas que conseguiu com distinção nos mais importantes centros universitários, aprendeu a ser amado por sua terra, por seu tempo e “por todos os que prestam”, segundo o critério de um amigo.

Tem o raro privilégio de circular como o vento em todos os litorais e descer por todos os becos, sendo sempre recebido com aquela sensação de conforto na hora da festa ou nos instantes mais dramáticos.



Efetiva essa história da benquerença natural cujas normas e estatutos não podem ser promulgadas como direito comum.

Tem o dom da amizade que se desenvolve e se assegura pelo que faz e pelo que deixa de fazer, no silêncio majestoso e na palavra oportuna, no sério, na gozação, na cinzenta severidade das decisões ou na plena solidariedade da euforia etílica. Produz os gestos permanentes e as trivialidades sedutoras de que nos fala Thomas Mann.

Entre aurículas e ventrículos, cavidades simétricas e veias aortas, e também entre o malte da boca da noite e o gelo da madrugada, desvendou mistérios vitais e fez poemas de ressurreições. Seus dedos, plenos de devoção e absoluto empenho, têm tocado a face encantada do destino, alterando vozes boêmias e o calendário da morte. E essa coisa é tão séria que sobre ela os gregos construíram toda a sua mitologia, seus dramas e suas epopéias.

REGIS, cujo nome em genitivo latino poderia atribuir-lhe alguma vassalagem, nunca foi o serviçal DO REI. Fundou seu próprio país, uma espécie de Pasárgada, onde todos se querem bem, de coração.

— Que Reino é esse — diria REGIS — e que rei sou eu?

Os mais devotos dizem que é o Reino Mineral, pois, apesar de todo esse arsenal de sentimentos, REGIS seria uma pedra: a PEDRA 90.

Numa mesa de bar, em confidência fortuita, REGIS JUCÁ me dizia que, malgrado não lhe acreditarem, continua um caipira dos tabuleiros mansos do Quixadá. Não aquele caipira da jocosa alusão presidencial, deslumbrado e improdutivo. Mas o caipira de gostar da terra, das coisas e saberes de seu povo. Das cantigas, das comidas, da verve afiadíssima, do humor espontâneo e da sinceridade altaneira da gente sertaneja. E nesta fábula, de nascente atávica, o jaleco do cirurgião é o gibão do vaqueiro aboiador, apascentando nas tardes de sonho a dimensão de seu ideal humano, suas crenças e suas razões.

E aqui está REGIS JUCÁ, tecendo com safe-nas e mamárias uma renda de amor nesta cidade. E a cidade em romaria se oferece inteira aos seus sessenta anos.

— Que alarido é este? — Reclama o homenageado, tão convicto de sua juventude. Isto é aplauso ou aviso?

Nas dobras destes dias de festa e regozijo REGIS esconde suas cis-mas e alguns enigmas, só decifrados para os braços confidentes de BIA.

Está no mais elevado patamar do reconhecimento público, tem o carinho da cidade e a emoção dos amigos. Sublime, se proclama um caipira e medita sobre a arte medonha de viver, não propriamente soprando velas, mas acendendo seus velhos e novos sonhos de caminhador.”

Regis Jucá morreu cedo, oito anos depois desta crônica, vitimado por uma leucemia agressiva, em setembro de 2004. ☹



JANAÍNA FARIAS

DE CRATEÚS AO SENADO E DE VOLTA PARA CUIDAR DA SUA CIDADE

Em 6 de novembro, Janaína Farias, a nova prefeita eleita de Crateús pelo Partido dos Trabalhadores (PT), completará 50 anos. Sua trajetória, marcada por conquistas e desafios, culminou em uma vitória histórica nas urnas, onde recebeu 26.055 votos, o equivalente a 54,36% dos votos válidos. Ela assume a prefeitura ao lado de seu vice, o médico Francisco José Bezerra, mais conhecido

como doutor Nenzé, do PSB, e contará com uma sólida bancada de vereadores em sua base de apoio, conquista significativa.

Filha de um eletricista e de uma costureira, Janaína é um exemplo de superação. Desde jovem, deixou Crateús para estudar em Fortaleza, onde se formou em Turismo. Um percurso de

perseverança e resiliência marcou sua trajetória política, e sua origem humilde se mantém como um símbolo de representatividade para os moradores de Crateús, cidade para a qual dedicou anos de atuação em diversas esferas.

Janaina Farias é a primeira mulher de Crateús a ocupar uma cadeira no Senado Federal. Ela foi eleita como segunda suplente do senador Camilo Santana, hoje Ministro da Educação. Por ocasião do afastamento da primeira suplente, Augusta Brito, Janaina assumiu a vaga por um período de quatro meses. Sua posse no Senado em abril deste ano foi um momento de reconhecimento e prestígio, com a presença de ministros, senadores, e até do governador do Ceará. A mãe de Janaina, dona Helena, fez o vestido de posse da filha, um detalhe que demonstra o apoio e o orgulho de sua família. Seu pai, José Moraes, foi um grande incentivador de sua carreira, infelizmente já havia falecido na ocasião, mas seu legado de apoio esteve presente nos atos da filha.

Durante o tempo no Senado, Janaina defendeu pautas importantes e ampliou seu contato com lideranças. Ela brilhou em sua rápida passagem pela Câmara Alta, o que contribuiu para o fortalecimento de sua candidatura à prefeitura de Crateús.

Com uma vasta experiência no governo do Ceará e no Ministério da Educação, Janaina chega à prefeitura trazendo o que ela descreve como um “baú de experiências”. Ela atuou como assessora especial de Camilo Santana durante seus dois mandatos como governador do Ceará e, posteriormente, assumiu cargos de grande responsabilidade, como secretária de Gestão da Informação e Inovação no Ministério da Educação, e secretária de Relações Institucionais no governo estadual. Também foi assessora executiva da Secretaria das Cidades, no Ceará. Esse percurso de Janaina fez dela uma figura estratégica para o desenvolvimento de Crateús nos últimos anos.



A nova prefeita eleita tem um histórico de influência direta em melhorias significativas para a cidade, deixando uma marca concreta nas necessidades locais. Janaina foi peça-chave para a aquisição do Hospital São Lucas pelo governo estadual, que, em breve, será o Hospital Regional dos Sertões de Crateús, com ordem de

serviço já assinada pelo Governador Elmano de Freitas. Essa nova unidade hospitalar ampliará o acesso à saúde e fornecerá cuidados de alta qualidade para a população.

Ela também esteve envolvida na conquista da implantação de um campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE) com um curso de Medicina, em Crateús, uma conquista que representa avanços na educação e na saúde para a região, oferecendo novas oportunidades aos jovens.

Outro marco importante é a Ladeira dos Tucuns, uma estrada anteriormente limitada a pequenos veículos que atualmente permite a passagem de caminhões e carretas, facilitando o trânsito entre o Ceará e o estado vizinho, Piauí, um exemplo do impacto positivo que obras de infraestrutura bem planejadas podem trazer para o desenvolvimento regional.

Além das grandes obras, Janáina contribuiu para amenizar as dificuldades cotidianas da população. Antes, as famílias enlutadas que precisavam dos serviços do Instituto Médico Legal (IML) tinham que se deslocar até Sobral ou Tauá. Hoje, graças à atuação de Janáina, Crateús conta com uma unidade do IML, proporcionando maior dignidade e conforto em momentos de dor.

Da mesma forma, se deu com a chegada de um Centro de Hemodiálise para Crateús, possibilitando que os pacientes renais pudessem receber tratamento sem precisar viajar para outras cidades, uma medida que melhora diretamente a qualidade de vida da população que precisa de tratamentos frequentes.

Todas essas ações têm o DNA de Janáina Farias, que sempre esteve atenta às demandas da população crateuense.

Eleita pela coligação "Para cuidar bem do povo", Janáina Farias assume a prefeitura com o compromisso de continuar promovendo o desenvolvimento de Crateús, agora como gestora



municipal. Para ela, cada projeto concluído e cada desafio vencido refletem o compromisso com a cidade que cresceu. Seu histórico de superação e trabalho em prol de melhorias estruturais e sociais inspira a confiança de que sua gestão traz avanços importantes para a cidade.

Com a confiança de que Crateús viverá dias de progresso e desenvolvimento, a nova prefeita está preparada para unir sua experiência e compromisso com a melhoria das condições de vida de todos os crateuenses. Os moradores da cidade aguardam com expectativa os próximos passos de sua jornada, uma trajetória que ela construiu com a clareza de que transformar o presente é investir no futuro de Crateús. 🌱





ZÉLIA SALES

ESCRITORA

"Quer sossegada na praia / Quer nos abismos do mar / Tu és, ó minha jangada / A virgem do meu sonhar / Minha jangada de vela / Que ventos queres levar?"

A jangada, Juvenal Galeno

Lá vai o Mestre Salu com seu samburá. Desce a Joaquim Alves, onde mora numa casa de taipa, de chão batido. Na frente, um banquinho fincado no chão e um coqueiro meio retorcido que se debruça por cima da casa. Parece um recorte tirado de outra paisagem, de outro tempo. A casinha resiste entre os grandes condomínios, a construção do novo hotel ali do lado quase a sufoca. Mestre Salu vai cruzar a Aquidabã e a Presidente Kennedy, vai chegar ao calçadão e depois ao areal, onde a jangadinha o aguarda. É cedo, há crianças na praia, há antigos moradores da Praia de Iracema, há turistas, mas ninguém se dá conta de sua presença. Mestre Salu, a cabeça pequena, o espinhaço já meio envergado pelo tempo, a pele crestada pelo sol de todo dia, é um indivíduo despercebido. Não fosse duas ou três pessoas que o ajudam a botar a jangada no mar, poder-se-ia dizer que é um homem invisível.

Parte o homem e sua jangada. O mar é uma bênção, um consolo, uma missão. O velho sabe muito bem com quantos paus se faz uma jangada. Avançam, a madeira estalando sobre o açoite das águas, a vela branca vibrando no açoite do vento. Lança-se a rede, lança-se a sorte. Quem sabe os piram-bus, os batatas vão encostar. Coisa pequena, coisa pouca. Longe o tempo dos grandes desafios, das longas histórias de tubarões e tempestades. E no final da tarde, às vezes noitinha, ele volta. Os amigos ali por perto ajudam a rolar os troncos, a arrastar a jangada para fora, fazê-la outra vez repousar no areal.

E Mestre Salu caminha entre o pessoal do calçadão, entre os vendedores de milho verde, a moçada, as crianças, os carrinhos de bebês, as babás... Mas parece que ninguém o vê, não percebem o jangadeiro que resiste, os pés pisando firme no calçadão, de volta pra casa.

Era numa terça-feira, o sol ainda chegando, os surfistas chegando junto, o pessoal do *cooper*, o pessoal que ia pegar

MESTRE SALU

o pão quentinho ali no São Luiz. O Mestre Salu, entre eles, parecia que já fazia parte da paisagem, como o paredão, como a caixa d'água dos peixinhos. Mestre Salu foi pro mar, depressinha a jangadinha se afastou, desapareceu na imensidão das águas.

Mas, naquela terça-feira, o sol foi embora, a noite desceu, vieram os vendedores de pipoca, o pessoal do milho verde, do artesanato... Naquele dia, Mestre Salu não voltou. Os rapazes que batem bola no areal nem se deram conta da alteração na rotina da Praia de Iracema. Já passava das sete, o filho mais velho, dois netos, a mulher do Mestre Salu desceram, ficaram na beira da praia inquietos, bocas nervosas remoendo dizeres de advertência nunca ouvidos, não se vai sozinho para o mar, os olhos perscrutando a escuridão das águas. A Capitania dos Portos foi avisada. Os rádios chiaram nos barcos distantes. Que aguardassem, começariam as buscas na manhã seguinte.

Quatro dias depois, era cedo, a embarcação do Mestre Salu foi avistada por um grupo de surfistas numa praia afastada no município de Paracuru. "Sinistro, *brother*, a jangadinha dropando sozinha as ondas... Doideira..."

O velho jangadeiro certamente se sentira mal, talvez sentindo o pior, amarrara se ao mastro. Quatro dias de vento incessante, o sol escaldante, seu corpo tantas vezes lavado pela salmoura das águas. As grossas cordas foram enlaçadas ao abdômen do velho, os nós habilmente atados asseguraram que seu corpo não resvasse. Talvez esperasse resistir, talvez quisesse apenas ser encontrado.



Hoje, lá no alto da Rua Joaquim Alves, não há mais a casinha de taipa, nem o banco de madeira fincado no chão, nem o coqueiro. Na beira da praia também não há nenhuma jangada, mas ainda vejo a imagem do velho pescador caminhando entre as pessoas, entre os turistas, o garoto dos patins quase o atropela. A Praia dos *crush* está cheia, a moçada canta, ri, namora na areia... Mas ninguém vê o Mestre Salu que passa no meio da galera. Caminha lento, firme, tranquilo. Vai pro mar. 🌊

CONFISSÃO DE UM EX-FUMANTE



TOTONHO LAPROVITERA
ARQUITETO E ARTISTA PLÁSTICO



Na adolescência, mal saído da infância, experimentei fumar cigarros e, a partir daí, passei a cultivar o hábito desse nefasto vício. Naqueles anos 1970, lembro-me de que o jovem que não fumasse ou bebesse era considerado careta e excluído das turmas ditas bacanas da cidade.

Em seguida, quando ingressei na faculdade, parei de fumar, mas, logo depois de me formar e começar a trabalhar, voltei. A partir daí, foi um vai e vem de parar e voltar a fumar sem fim, o que me causava uma angústia danada pelas crises de abstinência a brigar com a minha convicção dos efeitos maléficos do fumo. Ô peleja!

Inveterado, durante a semana eu fumava duas carteiras por dia, quatro no sábado e quatro no domingo. Era muita fumaça! Como eu me consumia... Pela manhã, antes do café, eram dois cigarros. Aí, eu passava o dia todo tendo motivos e razões para acendê-los. Após um cafezinho, um lanche, refeições, tensões, decisões, realizações... Acordava no meio da noite para fumar! E eu não conseguia parar.

Mas, em 2003, lembro-me de que, após uma tentativa com acompanhamento médico, aconteceu o seguinte. Num belo dia, eu estava na casa de amigos, quando acendi um cigarro e comentei que era o último que eu fumaria. E pois não é que foi! De lá para cá, sem sofrimento algum, nunca mais fumei.

Hoje, quando acordo e encho os pulmões de ar puro, eu penso e digo: Não me arrependo de nada do que fiz na vida. Mas, se tiver de escolher uma coisa, essa será a de ter fumado o tanto que fumei.

Há pouco ouvi sobre um sujeito que vivia na Praça do Ferreira, em Fortaleza, nos anos 1950, a combater qualquer prática tida como indecente ou viciosa.

Ao avistar um cidadão acender um cigarro atrás do outro, não se contendo, aproximou-se e lhe disse notar que era adepto do tabagismo. “Sim, sou e o faço com muito gosto e há muito tempo”, respondeu o homem.

Arrojado, insistiu, indagando há quanto tempo o cidadão fumava, supondo uns 25 anos, mais ou menos. E persistiu, propondo que o senhor sabia dos males causados pelo vício. Em seguida, fez as contas, calculando que o dinheiro gasto com o vício daria para ele ser o proprietário do recém-inaugurado edifício do Cine São Luiz. Aí, o fumante puxou conversa:

- O senhor está correto e, certamente, não fuma.
- Não, jamais me envenenaria!
- Percebo termos a mesma idade e creio que seja o dono desse edifício.
- Não, senhor, não sou, nem tenho essa sorte.
- Pois muito prazer, sou Luiz Severiano Ribeiro, o dono do cinema. ☺



BRUNO PAULINO
ESCRITOR

NOTAS SOBRE O CAPITÃO JAGUNÇO

A primeira vez que ouvi falar sobre o personagem Capitão Jagunço foi através da música homônima de Luiz Gonzaga (Paulo Dantas e Barbosa Lessa):

*“Capitão Jagunço/
Eu gosto de furdunço/
Tem Canudos, por guia das tropas/
Jogando irmãos contra irmãos”.*

A composição marca na minha memória, sobretudo, pelo reiterado refrão:

*“Não é mentira não/
Não é mentira não /
Conselheiro se julgava/
O Messias do sertão”.*

Só depois o reencontrei nas páginas célebres de Os Sertões, onde é citado por Euclides Cunha, em dois ou três capítulos:

Em marcha para Canudos

“Alguém, entretanto, salvou a lealdade sertaneja, o guia Domingos Jesuíno. Conduziu as tropas para a frente até ao “Rancho das Pedras”, onde acamparam (...)”.

Crítica

“Ninguém cogitava na mais passageira hipótese de um revés. A exploração realizada fora até um transigir dispensável com as velharias da estratégia: bastava o olhar perspicuo do guia, Capitão Jesuíno, para aclarar a rota (...)”

Dois cartões de visita ao Conselheiro

“O guia Jesuíno, consultado, apontou com segurança a direção do arraial. Moreira

César pôs em batalha a divisão Pradel e, graduada a alça de mira para três quilômetros, mandou dar dois tiros segundo o rumo indicado (...)”.

Do pesquisador euclidiano, Paulo Dantas, li **O Capitão Jagunço**, um excelente romance do autor que também escreveu sobre a personagem **Joana Imaginária**.

O estudioso Adelino Brandão em comentário sobre

o livro destaca que: *“O personagem-título é real. Viveu o drama de Canudos e passou à história sob a acusação de ter traído os companheiros. A guerra contada pelo lado interno, por um grande jornalista, prosador e homem do sertão”.* No romance é importante destacar que o personagem é nomeado por Jerônimo, quando na realidade se chamava Jesuíno Correia Lima.

O professor Marco Antonio Villa, ao organizar o livro **Canudos, História em Versos**, do poeta Manoel Bombinho – Delegado de polícia que acompanhou tropas até Canudos – numa nota explicativa sobre a biografia de Jesuíno Correa (o personagem é várias vezes citado ao longo do poema), informa que ele era Capitão da Guarda Nacional, e morou em Canudos alguns meses, mas teria sido expulso; segundo o tenente Macedo Soares, o motivo seria o fato dele ser eleitor republicano em Piranhas. Já segundo versão recolhida por José Calasans nos anos 50 entrevistando Pedrão, um dos combatentes sobreviventes da guerra, Jesuíno foi obrigado a deixar a comunidade, pois teria tentado conquistar uma mulher casada. A partir de então, transformou-se em um inimigo mortal de Antônio Conselheiro.

O poeta Manoel Bambino assim versejou sobre o Capitão Jagunço:

*“De Piranhas O Capitão Jesuíno /
Para Canudos residência mudou/
Vivia tranquilo e contente/
Gostou de canudos e gostou./*

*Mas um dia os jagunços entenderam/
Jesuíno? É um bom espião/
Do governo ele veio mandado/
Para fora tãful Capitão.”*

Outra obra importante, com cunho de depoimento histórico em que o personagem Capitão Jagunço figura com destaque é **Canudos: Memórias de um combatente**, do brigadeiro Marcos Evangelista da Costa Villela Jr, que lutou contra Canudos na terceira e quarta expedições, no seu relato o militar destaca que: *“Jesuíno apresentou-se ao coronel Moreira Cesar para ser cicerone da coluna, declarando também que queria, quando entrasse a coluna em combate, uma carabina e munição, pois tinha fé em Deus não morrer enquanto não se encontrasse com o negro Pajéu para tê-lo como presa sua”.*

Por fim, para quem quer saber mais sobre o assunto, recomendando o artigo da eminente professora Luitgarde Oliveira, **UM FUZIL NA GUERRA DE CANUDOS: memória de violência na paz do Conselheiro**, que é facilmente encontrável na internet, no qual através da pesquisa oral, ela elucida bastantes fatos e mitos sobre Jesuíno Correa Lima, O Capitão Jagunço. 🌐



MISSIVA PARA O ANIVERSARIANTE CÉSAR



JÚNIOR BONFIM

DA ACADEMIA METROPOLITANA
DE LETRAS DE FORTALEZA

Estimado César:
O dia do natalício, o dia da nossa interação planetária, é sempre abarbadado de coincidências apartadas das previsibilidades. É um poço jorrante de surpreendentes pluralidades interpretativas.

Cumprimentei-te oculta e invisivelmente no 07 de outubro volvido. Em seguida, passei a refletir sobre o dia de sol e lua em que, sob a brisa envolvente da Serra das Matas, no antigo Arraial da Telha, hoje Monsenhor Tabosa, a senhora Ignez Aguiar Vale e o senhor Antônio do Vale Filho celebraram teu ingresso no pórtico da existência.

Os granitos, os bagos, as argilas, os ventos, os silêncios e as nomeações dizem muito do que somos, dos deveres que inscrevemos na lápide da alma e, sobretudo, das tarefas que recebemos ou impomos ao panteão da consciência.

Mira as acontecimentos que te circundam. Tua iniciação no *'fiat lux'* das provações mundanas ocorreu no dia inicial da era judaica, que principia com a primeira lua nova da época da cevada madura em Israel. Há mais de três mil anos os hebreus se animam em torno de um calendário baseado nos movimentos da lua e do sol, ou lunissolar, pois procura harmonizar a duração do ano solar com os ciclos mensais da lua através de ajustamentos periódicos.

Assinalo, por oportuno, outra correspondência histórica com o teu aparecimento terreno: saístes do ventre materno no mesmo dia em que, mais de quatro séculos antes (em um dia 7, de 1462), um Papa intelectual, Pio II, nascido Enea Silvio Piccolomini, publicou uma Bula contra a escravidão, com instruções aos bispos a respeito dos tratamentos dos negros proveniente da Etiópia, condenando o comércio de escravos como *'magnum scelus'* (grande crime).

Observa, por fim, o nome que ganhaste na pia baptismal: **Sebastião César Aguiar Vale!**

Sebastião, originário do grego 'Sebastós', significa "venerável" e foi um título honorífico usado pelos gregos antigos como equivalente ao título imperial romano de Augusto. (Sebastião, o padroeiro da terra em que nasceste, foi um soldado romano feito mártir por não renegar a fé em Cristo). Já o nome César, segundo registros, surgiu através do imperador romano Júlio César, cujo nascimento ocorreu após uma cesariana. Na sequência, o nome foi utilizado como um título para todos os imperadores Romanos posteriores. Aguiar significa "onde habitam as águias". Vale, do latim 'vallis', é uma espécie de planalto entre duas montanhas ou colinas.

As respirações das eras e o sacramento da imersão nas águas dos rios das nossas aldeias dizem mais de nós do que imaginamos...

És um ser lunissolar. Tens um pouco de lua e sol. Enfrentas as adversidades com clareza solar. Costumas balançar o corpo na rede bordada com os fios das reminiscências. Poucos crateuenses há que relembrem com a tua precisão os moldes das nossas vias, as arquiteturas das construções de outrora e os passos humanos das principais décadas do século findo.

Como o Papa intelectual, costumas contender com as escravidões dos dias hodiernos. Te tornastes um autêntico soldado romano que não renega a fé. Relembro, memória faiscante, que transformastes a pesada manutenção do Jornal Gazeta do Centro Oeste em um suave fardo. Aliás, esse periódico já ganhou um espaço sagrado na colina sole-ne da História pela inédita combinação de longevidade e combatividade.

Que mais posso dizer?! Estendeste-me a mão livre e me lançaste o convite para assinar uma coluna. Ao invés da tessoura da censura, brindaste-me com a liberdade pura. Em relação aos meus rabiscos, fizeste uma especial deferência: publicavas *ipsis literis* o que brotava da minha consciência!

Que posso dizer mais?! Apenas, de bom grado, um fraterno muito obrigado! E, em comunhão com o calendário, um efusivo Feliz Aniversário! 🍷





BERNALDO CARNEIRO
ESCRITOR

FLATOS, FOTOS & FUGA

Chegamos à capital italiana no finalzinho de 27 de abril e fomos direto para o American Palace EUR – que nos acolheu por três dias. Conforme combinado antes, logo após o banho e a troca de roupas, Naná e eu descemos para o saguão do hotel. Aproximava-se das 20 horas e ali já se encontravam Anjinha, Fofão e Irene com informações obtidas na recepção, para degustarmos um bom vinho e um saboroso tira-gosto. E assim, após meia hora descendo e subindo escadas, mergulhando em viadutos e cruzando avenidas, aportamos num bar-restaurant à beira de um lago.

No transcorrer de duas horas, enquanto a etilicamente abstinência Irene se satisfazia com sucos de frutas, o casal amigo, minha mulher e eu esvaziamos três garrafas de *Tavernello Rosso D'Italia* e experimentamos distintos sabores. Fomos de *Brie empanado* à *Bruschetta Siciliana*, de *Canapé Brandade de bacalhau* a *Cheddar e salaminho*.

Já no caminho de volta ao hotel (eu e Naná seguíamos um pouco na frente), quando um papoco seguido de um melancolicamente fanhoso e prolongado som alcançou nossos ouvidos. Mas, como evento daquela natureza, partido donde partira era-nos familiar, o ignoramos completamente. O contrário aconteceu com Irene, que nos alcançou uma quadra depois e, ainda em meio a gargalhadas, nos confidenciou o porquê de sua explosão de riso. Decorria, sobretudo, da reação de um homem que saía de seu carro estacionado ao lado do epicentro do estrondo. Por certo, ele tinha confundido o flato com o disparo de uma arma de fogo anunciando um assalto e prontamente mudara de ideia. Trancando-se no veículo, o italiano ergueu os braços e se manteve imóvel, mexendo apenas os lábios. Mesmo sem saber a qual fé o sujeito respondia, a cena lhe trouxera à mente, o assalto de um conterrâneo seu a um cearense, em plena madrugada paulistana. Mais precisamente, numa esquina da Avenida Paulista com a Rua da Consolação:

— Aluia os braço, não se bula nem faça munganga, sinão eu deixo você igual a uma arupemba! — Anunciara o assaltante enquanto a vítima apelara para os céus:

— Valha meu Padim Pade Ciço!

— Ah, então você também é da região! Tá dispensado! — Respondeu o piauiense fora da lei colocando a navalha de volta ao cós da calça para abraçar o outro e ali iniciando a sua mais nova amizade na Terra da Garoa...

A partir do flatulento episódio sempre que nosso grupo entrava em ambiente fechado (elevador, corredores do Vaticano etc) eu advertia: *It is prohibited here to cut the cheese*. Irene era quem mais sorria, mas, vez ou outra alguém por perto, manifestava igual reação. Por certo, era algum nativo da Língua Inglesa conhecedor da expressão *cut the cheese*.

Já no dia seguinte, logo após o café da manhã, tomamos o ônibus que nos aguardava à porta do *American Palace EUR*. Não o coletivo do início da excursão e sim, outro também de nossa companhia de turismo. Porque Ricardo desfrutava o regulamentar e merecido descanso de 48 horas após uma jornada de seis dias de direção.

Iniciávamos assim, enquanto aguardávamos os portões do Vaticano se abrirem para a nossa agenda, um passeio panorâmico por algumas atrações turísticas de Roma. E, sem nos apearms do autocarro, percorremos alguns bairros e parte da zona central da capital italiana.

Já na visita guiada à Basílica de São Pedro/ Capela Sistina, aos museus e outras dependências da sede do governo pontifício, duas preocupações martelavam-me a cabeça. Tudo culpa de meus excessos de prurido. É que, ao contrário do casal de amigos, uma coisa eu não me permito: ser obstáculo a nenhum transeunte. E Anjinha e Fofão (como sempre) fotografavam tudo. Por vezes, eu brincava: “Em viagem eles fotografavam até cachorro mijando em poste”. E, em decorrência eu me preocupava sobremodo. Especialmente enquanto transitávamos pelos estreitos corredores e outras dependências do Vaticano – absolutamente abarrotados de visitantes. Porém, sem nenhuma preocupação com a retenção do fluxo, tanto nos locais aonde o vai e vem humano fervilha, quanto nas estreitas passagens de mão única, Anjinha parava, abria seu sorriso exclusivo para fotos e o marido, sem economizar nas poses e com habilidade de fotógrafo do *Palácio de Buckingham*, clicava-a em vários ângulos.

Minha outra preocupação era quando a Praça São Pedro se abrisse para nós. Aí, sem querer, eu poderia me ver no papel do cliente do “Barbeiro”. Reporto-me ao protagonista de uma das mais consagradas pérolas do repertório de Jessier Quirino. Pois bem, certo de que o corte de meus cabelos não era dos mais caprichados, eu temia

que o momento fosse de celebração Papal. Então, quando o Pontífice me visse a distância, logo abriria caminho entre a multidão com o olhar fixo em minha direção e, finalmente chegando até mim, perguntava quem fizera tamanho estrago em minha cobertura capilar. E eu, que não sou de esconder o meu passado para seu ninguém, não me sentiria confortável faltando com a verdade em pleno “Coração do Vaticano”. E ali, no sagrado local que responde pelo nome do primeiro Papa do mundo, eu entregaria o meu atual profissional de Sevilha e também o Tonho da Sola. Obviamente, relembrando meus finais de tardes na Jaguaretama em que vim ao mundo. Quando minha santa mãe, sentada no batente da porta principal de nossa casa e eu de cócoras aos seus pés, ela me catava lândeas e piolhos. E, penteando com esmero minha já encaracolada e indomável cabeleira, não economizava adjetivação conta o sujeito que (segundo ela) me pôs as madeixas de criança, antes loiras e esvoaçantes, a perder.

Enfim, ela erguia o olhar de minha cabeleira – que àquela altura já adquiria feição *Black Power* – e fixava-o na barbearia de Tonho da Sola já o amaldiçoava sem pena nem dó. “Pé de chumbo, cambota, entrevado, visão disto, imagem daquilo” eram os qualificativos mais brandos de sua ladainha toldada pelo sentimento de culpa.

Mas, por sorte, não era hora de Eucaristia do Sumo Pontífice. Então, respirei fundo e, para não dar margem a Naná para tomar um café por ali (ó, mulher que gosta de café e me esvazia o bolso nesses lugares onde a moeda corrente é o Euro ou o Dólar), eu apressei o passo. E, indo direto para o local em que o coletivo nos aguardava, atravessei o santo pátio sem amargar o *bullying* Papal e sem ser exorbitantemente explorado. ☺





SARA PIMENTEL

POETA E ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA

PRIMAVERA

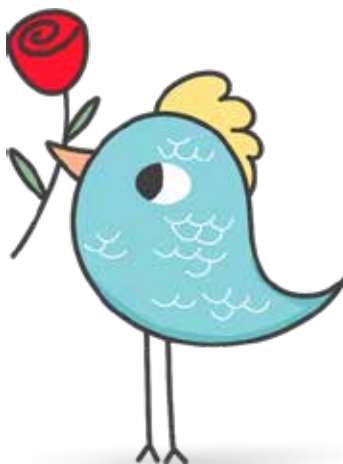
Convidei-te
a visitar comigo a primavera
e os encantos de amor que traduz.
Alegaste distâncias etárias e edificações anteriores.

Amarga, atravessei sozinha
inundações e tempestades dos invernos
e a lâmina causticante dos verões a me cortar as faces.

Caminhei pelas desculpas cambiantes da sorte
apenas embrulhada da persistência dos sonhos e desejos.

Agora
quando a esperança se esvaía por inanição
um passarinho pousou em minha alma com uma rosa vermelha no bico.

Olhei a alegria da ave
senti o perfume da flor
e percebi que chegavas. 🌸





CEM ANOS DE AMOR

Em 29 de outubro de 2024 vovó fez cem anos. É difícil, aos 45, entender o que esse número significa. Quantos beijos e abraços já ganhou uma pessoa de cem anos? Quantas vezes encheu o coração de amor ou se indignou com as tantas injustiças da vida? O que será acordar ao amanhecer mais de 36 mil e quinhentas vezes?

Não é possível mensurar quantas cores tem cem anos. Quantos sons, cheiros, sabores. Tons de azul misturados ao rosa, virando lilás... as trocas de luz no céu, crepúsculo virando lua cheia, minguate sendo alvorecer... cheiro do café no fogo, dos bulgaris nas esquinas, do shampoo nos cabelos, loção de barba no rosto, bolo assando, cebola frita na manteiga... gosto de arroz doce com feijão verde, rondelli de camarão, pão quentinho, pudim de leite, pavê ou seria pra comer? Em cem anos há um sem fim de detalhes e delicadezas, há suprinhagens para todos os estilos. O som do riso dos filhos, o primeiro "mamãe", as centenas de vó, vovó, voinha... cantos de tantos diferentes passarinhos na janela.

Aos cem anos vovó viu nascer a Bossa Nova e morrer Vinicius, Tom Jobim, João Gilberto. Assistiu a humanidade se desmornar em guerras, fome, pobreza e se refazer a cada vez que alguém se doa, por amor, ao outro, imitando, em alguma medida, o Cristo.

Porque alegrias não conseguem driblar tristezas, não em cem anos. Ganhou 5 filhos, perdeu cedo demais um amor, viu nascer doze netos, chorou a partida precoce do mais novo deles. Virou bisá de doze bisnetos que crescem desejando um dia quem sabe, viver cem anos

Nem sempre é fácil. O que é dádiva para quem tem ela por perto pode às vezes ser cansaço para quem tem mente lúcida em um corpo que já não acompanha o ritmo. Feito mar que enche e esvazia, todos os dias, Vovó é imensidão. Comemora a data muito mais para alegrar quem espera por ela, que pelo deleite de ser uma centenária. É como o baobá, do passeio público, imune ao corte, resistente às intempéries, glamorosa simplesmente por ser quem é. Em cem anos, Anália é puro amor. ☺

MENINADEMOSAICO.BLOGSPOT.COM



GERVÁSIO CASTRO NETO
CARTUNISTA





ALDAÍRTTON CARVALHO
ADVOGADO

O GRANDE BANQUETE!

Vivemos em um grande banquete!

Alguns comem, outros estão servindo!

Há aqueles que sentam mas não estão comendo, tamanho o desânimo que vivem.

Há os que não comem pois tem medo da despesa.

Há os que comem em demasia, mesmo sem ter mais fome, mas estão pagando, não querem desperdiçar.

Há ainda os que pedem um bom vinho, esse é pago à parte, pois não seria justo dividir com os

demais e há os que pedem o bom vinho e tentam dividir com todos.

E, especialmente, tem os que oram, e agradecem ao Senhor pelo alimento.

Alguns estão felizes em estar em comunhão, outros só estão por obrigação.

E qual o segredo para uma boa digestão?

Comer pouco, sorrir mais, beber o que todos estão bebendo, pagar a conta igualmente e sem conferir, dar gorjeta e deixar marcado o próximo banquete.



Ilustração: Cláudio Teixeira



AURORA MIRANDA LEÃO
JORNALISTA
[HTTPS://LINKTR.EE/AURORADECINEMA](https://linktr.ee/auroradecinema)

SUBNUTRIDA MANIA

NOVELA NAUFRAGA RODANDO EM CÍRCULOS E SEM NENHUM TEMA PULSANTE

Atenta à novela "Mania de você", substituta de "Renascer" no horário nobre da TV Globo desde 9 de setembro, surpreende-nos a falta de uma dramaturgia consistente, com enredo bem arquitetado, conflitos espessos, personagens convincentes e situações críveis.

Apontamos isso em nossa galeria do Instagram desde o capítulo de estreia porque para que uma telenovela (obra de duração extensa e de difícil arquitetura) alcance adesão - e mantenha o interesse do telespectador em acompanhá-la até o final -, é fundamental apresentar, em seu capítulo inaugural, o âmago da trama, ainda que isso esteja submerso no excursão, ou seja, venha escondido na forma como a obra é apresentada visualmente.

Há mais de um mês no ar, a novela tem a pior audiência da história da teledramaturgia brasileira.

A surpresa quanto a isso advém do fato de o autor ser João Emanuel Carneiro, criador de obras emblemáticas como "A Favorita", "Avenida Brasil" e "Todas as flores", para citar apenas algumas.

A história de "Mania de você" gira em torno de um quarteto, residente na famosa região dos Lagos, no Rio de Janeiro, jovens ligados por sucessivas situações de ciúme, traição, mentiras, engodos, falcatrias, tornando as sequências um cipoal repetitivo, insosso e assaz cansativo, no qual tudo começa e termina pelo mesmo motivo: ciúmeira, ardis, conluios, amizades frágeis, paixões duvidosas, perdões para mentiras e artimanhas que logo resvalam em novas cenas de traiagem, embustes, falsanidades, talaricos.

Com previsão de ficar no ar até 22 ou 24 de março, a novela faz aflorar, ademais, uma perguntinha "inocente", teimosa em não calar: como se pretende fidelidade do público a

dramaturgia tão pífia por tantos meses, se no primeiro a rejeição já está mais do que registrada e confirmada? Essa é uma constatação que espanta, assim como há interrogação que insiste em persistir: o que se faz no imponente resort Albacoa, ambiente principal da trama? Não há hóspedes ali? Onde as piscinas de borda infinita com gente curtindo e crianças jogando, brincando, fazendo barulho? Só funciona a cozinha e a recepção? Não há guris e gurias a correr, vida feliz, festas, jogos em espaços diversificados e recintos internos, *crushs* e garotas saradas dando close nas piscinas e fazendo fotos para botar nas redes? De onde vem grana para manter toda aquela infraestrutura? Quem sabe, nasceu ali uma planta mágica... Mesmo sendo o dono um golpista juramentado (como diria o eterno Odorico de Dias Gomes), quando se tem fortuna e só se gasta, esta não demora a ir para o ralo, e ali, no mega resort de Angra, o dinheiro parece infinito, a tal ponto de dispensar empenho para fazê-lo render mais. De saída, isso também soa falso porque todos sabemos: a brincadeira favorita dos ricos,

sobretudo os que ganharam \$ na base do cambalacho, é ver grana brotar aos borbotões, assim gerando novas e mais potentes formas de fazer o consumismo prosperar, gerar subalternos e assegurar seu poder de dominância. Da forma como se desenrola, em círculos contínuos, insípidos e incongruentes, o enredo de "Mania de Você" faz do Albacoa um cronotopo de isopor (cenário oco), aposta (erradamente) na burrice do telespectador, fere com navalha afiada o horário nobre da Teledramaturgia Brasileira e **penaliza uma Atriz do quilate de Adriana Esteves, uma Gigante do ofício**, sublime e inconteste Mestra na Arte de Interpretar, porém não na de fazer mágica. Afinal, nenhum personagem sozinho é capaz de salvar uma dramaturgia instável, incoerente e inverossímil. Dizemos isso com tristeza porque João Emanuel Carneiro é reconhecidamente um grande dramaturgo, porém a trilha na qual envereda agora é frontalmente oposta às novelas com as quais se consagrou, brindando o público com títulos memoráveis, como "Todas as flores", por exemplo. 🌀



Quarteto vive em função de ciúme, traição, mentiras e sucessivos "perdões"



AINDA ESTOU AQUI

Cresce a expectativa para a estreia nos cinemas de todo o país do elogiado "Ainda estou aqui". O longa-metragem é dirigido por Walter Salles, depois de cerca de sete anos sem lançar filmes, protagonizado por Fernanda Torres e Selton Melo. O roteiro é baseado no romance de mesmo nome que narra a vida de Eunice Paiva, escrito pelo brilhante Marcelo Rubens Paiva, filho da protagonista.

A atuação de Fernanda Torres tem sido destacada pela crítica especializada que acredita na possibilidade de que tanto a película como a atriz possam efetivamente concorrer aos mais importantes prêmios da indústria cinematográfica, em especial, ao Oscar. Caso isso ocorra, Fernanda iria repetir a indicação da mãe, Fernanda Montenegro, - recentemente celebrada pelos seus noventa e cinco anos - que foi a primeira atriz brasileira indicada ao prêmio máximo em 1999, por "Central do Brasil", dirigido pelo mesmo Walter Salles.

Quando do lançamento, em 2015, li com muito entusiasmo o romance, notadamente autobiográfico como sua obra mais famosa, "Feliz Ano Velho". Fiquei desde então admirado pela determinação e força de vontade de Eunice que soube reconstruir sua família depois de seu marido, o Deputado Rubens Paiva, ter sido torturado e assassinado pela Ditadura Militar que sumiu com o seu corpo. Eunice formou-se em Direito, conseguiu sustentar quatro filhos, lutou por justiça pelos desaparecidos políticos e pela causa ambiental. Um exemplo de mulher.

Além de tudo, é importante apresentar esses fatos para as novas gerações pois parece que alguns não compreendem bem ao certo o que foi essa "página infeliz da nossa história" e trazer à tona também a discussão em torno do amparo na velhice, especificamente, aos pacientes de Alzheimer.

A MORTE DO POETA

Antônio Cícero, filósofo, escritor, um dos mais destacados poetas e letristas da MPB, membro da Academia Brasileira de Letras, faleceu em 23 de outubro de 2024, após ser submetido à morte assistida na Suíça e deixar uma carta de despedida. Cícero era irmão da cantora e compositora Marina Lima e com ela criou verdadeiras pérolas da nossa música, como "Fullgas", "Virgem", "Pra Começar", "O lado quente do ser" e "À francesa". Foi parceiro também de Lulu Santos ("O último romântico"), Adriana Calcanhotto ("Inverno"), dentre outros.



Foto: Fabio Motta/Estadão

Particularmente gosto muito de versos como "Me dá um beijo então/Aperta a minha mão/ Tolice é viver a vida assim, sem aventuras"; "As coisas não precisam de você/Quem disse que eu tinha que precisar?"; "Pra começar, quem vai colar os tais caquinhos do velho mundo?/Pátrias, famílias, religiões e preconceitos/Quebrou não tem mais jeito/Agora descubra de verdade/ O que você ama e o mundo pode ser seu" e "Você me abre os seus braços e a gente faz um país."

FLIP 2024

A FLIP 2024 retomou o vigor de anos anteriores. Foram dias de intensos debates celebrando a vida, a literatura, mas sem descuidar de assuntos políticos e de grandes temas da atualidade. O autor homenageado, João do Rio, morto há mais de cem anos, teve sua obra discutida nas mais diversas mesas e saudada na maravilhosa palestra de abertura apresentada por Luis Antônio Simas.

Grandes nomes da literatura contemporânea circularam pelas ruas de Paraty como Édoard Louis, Mohamed Mbougar Sarr, os brasileiros Carla Madeira, Jeferson Tenório e o youtuber Felipe Neto.

A curadoria de Ana Lima Cecilia será mantida em 2025. 🌐



LÚCIO TELMO MEIRELES

ADVOGADO E PROFESSOR

O MARIDO OBEDIENTE

Ao término do congresso naquele resort maravilhoso, ele, um marido paciente e dedicado, iria abdicar de um dia livre de sol, praia, piscina, buffet all inclusive na Praia do Forte, para agradar a esposa numa tarde de compras em Salvador. Não custava nada, afinal, o voo estava marcado apenas para o final da noite. Entre acarajés e sorvetes d'A Cubana, o marido a esperava se decidir entre um vestido de cor azul serenity e um outro de cor verde tiffany.

Ela, uma mulher muito elegante, remexia as prateleiras da loja. As atendentes se reversavam, em atenção, oferecendo água e capuccino. Tentavam reconhecê-la de algum lugar, devia ser famosa, uma *influencer*, quem sabe. O marido apenas digitava no celular e mandava áudios para alguém distante, sentado num sofá rodeado de sacolas. Ninguém reparava na bossa nova que ecoava no som ambiente.

Até que, enfim, ela gritou: “É esse! O vestido dos meus sonhos!” O marido, resignado, limitava-se a dizer “está linda, meu amor”. A mulher voltou ao provador, chamou a atendente solícita que, por azar, constatou um defeito no zíper. “Ah que pena, não tem nenhum mais no estoque?”

As gentis lojistas se desdobraram, subiram escadas, ligaram para as filiais dos outros shoppings. Chegaram até a oferecer um desconto, algo justo, pela peça defeituosa. O marido, dotado de um raciocínio rápido, mencionou que conhecia uma loja que ajeitaria aquele vestido num instante em Fortaleza. Porém, nada feito, ou a peça perfeita ou nada. “E a de cor verde, não lhe agradou?” “Não”, respondeu rispidamente a mulher. Frustrada a compra, partiram rumo ao aeroporto, sem o vestido.

“Eu queria ir com ele para o nosso evento em Nova Iorque”, repetia em lamento durante toda a longa espera do embarque e a hora e meia de viagem. O marido, arrependido, se sentia culpado, pois deveria ter comprado o vestido do jeito que estava. No dia seguinte, ela voltou a manifestar chateação por não ter comprado o vestido, aquela cor era a nova tendência da moda. O marido, então, se lembrou de um amigo que ficara lá no congresso na Bahia e só iria voltar no final da semana.

Súbito, pensando sempre em paparicar a esposa, mandou mensagem com todas as coordenadas, pedindo ao amigo que, antes de embarcar de volta, passasse no shopping, fosse na mesma loja e comprasse o vestido azul serenity com defeito no zíper. Faria uma surpresa para a mulher. O amigo, mesmo a contragosto, atendeu o pedido. Preferiria gastar suas últimas horas na capital baiana em outra atividade, mas faria esse esforço para quem costumeiramente devia favores. E assim o vestido com defeito no zíper chegou em Fortaleza.

A mulher não acreditou quando abriu o embrulho. Reparou no zíper quebrado. Pulou nos braços do marido orgulhoso. “Você sempre me entende. Te amo. O melhor presente da minha vida, pois foi um ato de amor”. Depois, guardou o vestido no armário e partiu para os afazeres da rotina extenuante de uma executiva digital. Em poucos meses, iriam para Nova Iorque, pela sexta vez.

Passados esses meses, uma semana antes da nova viagem, surpreendente, queixou-se com o marido de que não possuía nenhum vestido novo para usar no evento principal em Nova Iorque. Ele, garboso, lembrou-a do famoso vestido vindo de Salvador, meses antes. “Onde ele está?” “Não sei”. Até que a empregada achou o embrulho jogado no mesmo armário desde o dia que o ganhou. “E o zíper?” “Não tem nada, vou levar para ajeitar”, disse o marido, sempre diligente.

O vestido seria consertado e entregue apenas no sábado. A viagem seria no dia seguinte, um domingo. Nesse mesmo dia, a loja de consertos de roupas estaria fechada, pois ninguém é de ferro para trabalhar no feriado. No dia derradeiro, a mulher, entretanto, esquecera de ir buscar a peça com o zíper consertado. “E agora?”.

O marido, é evidente, logo pensou numa solução. Subornou o segurança do shopping, conseguiu o telefone da dona da loja e entrou em contato, explicando a situação. Pagou um taxista para ir buscar uma sobrinha dela, na distante Messejana que, de lá se dirigiu com a chave da loja até o shopping. Aberta a loja em pleno domingo, o vestido foi localizado e entregue com o zíper funcionando. Agradecido, o marido pagou o conserto, o taxi de volta, um extra para a sobrinha e para mais uma ou duas pessoas envolvidas na operação e partiu para casa levando o embrulho como se fosse um troféu. Em poucas horas estariam no avião e esperava ver a esposa, deslumbrante, com o seu vestido novo nos salões novaiorquinos.

Mal chegara em casa, a esposa estava estranhamente pronta, com bagagens na porta de casa e apressada. O marido vendo-a com as malas fechadas e afiveladas, em tom amoroso, pergunta:

– “Não vai levar o vestido novo, amor?”

– “Não, olha, eu gostei daquele vestido em Salvador, meses atrás. Hoje vejo que não combina comigo. Deixe-o aí mesmo, não vou levá-lo para Nova Iorque”.

Ele, obediente, fez mais uma vez a vontade dela. Depois, colocou as malas no carro enquanto a esposa gravava um vídeo. Já no aeroporto, à espera do embarque, o marido, em silêncio, organizava o roteiro final da viagem: em Nova Iorque seriam reservados três dias para compras. 🚗



RAIMUNDO CÂNDIDO

DA ACADEMIA DE LETRAS DE CRATEÚS

Enquanto um sol amarelo se põe por detrás da Serra Azul com uns fiapos de nuvens se avermelhando no horizonte, o povoado da Ibiapaba adormece em mais um monótono final de tarde. A projeção da silhueta da grande montanha, em tentáculos acinzentados de sombras, engole as singelas casinhas fazendo o mundo escurecer, enquanto as águas turvas do rio Poti descem pela garganta do boqueirão rumo ao distante Piauí. Ao amanhecer, tudo se repetirá, num ciclo sem fim. O que quebra o fastio do lugar é o vup vup tchuc tchuc das rodas do trem que por ali passa. Como o tempo, que também passa vagaroso na Ibiapaba, mas vai fazendo o seu inevitável trabalho: perambulando entediado pelas ruas, vielas e veredas, abraçado ao morno vento, assentando as antigas poeiras e redemoinhando as poeiras novas, mas guardando nas dobras as velhas lembranças.

Na década de 60, o povoado da Ibiapaba, embora moroso para o progresso, era quase a meca do sertão. A pata do boi, as roças de milho e de feijão nas encostas dos morros, o fluxo do rio Poti e o vai e vem dos trens de ferro desenvolveram novas esperanças para a região. Da casa do senhor Chico Pinto se ouviu um borborinho de gente alardeando pelas ruas: “- O trem desencarrilhou! O trem desencarrilhou! Os sacos de café se resgaram e está tudo lá, espalhado pelo chão!” O menino Chico Pascoal, mais que depressa, acompanha o povão com uma tigela em punho, para catar o café espalhado pela terra empoeirada. Era comum um trem descarrilhar com mantimento e o povo tomar parte na festa.

Como o tempo, o filho do Sr. Chico Pinto foi guardando na memória os instantes mágicos que o tornariam um grande poeta. Da janela de casa observa o Morro do Picôte e ouve o apito do trem chamando os meninos para brincar de ser feliz na praça, onde corriam montado em potentes cavalos de talos da folha da carnaúba, aprendiam a nadar em cavaletes de mulungu no poço Piau e tamborilavam os dedos indicadores no peito “Quando era menos que um Mozart infante, tirando um acorde de asa branca do piano do peito mirrado”. Às vezes acompanhava sua avó, Dona Anja (Ângela Belizario) nas visitas as comadres: “De vez em quando aquelas velhinhas largavam seus afazeres, trancavam a casa a tramela para os animais domésticos não entrarem e saíam para fazer visitas. Nessas incursões minhas queridas avós Dona Anja e Dona Maria Pinto sabiam como amortecer a minha impaciência infantil: - É só uma prosa com a comadre de Soiza. Não vamos nos demorar. Toma o café e fica quieto! - Que cousa, menino? É o tempo de um dedinho de prosa com o comadre Chagas Cardoso. Coma uma broa e sossega! E o poeta relembra: Prosa! Creio que foi a partir dali que passei a prestar a mais atenção naquela palavra tão presente nas conversas dos

CHICO PASCOAL

O POETA

mais velhos. E comecei a me dar conta de que o que aquela gente agreste, brava, inculta e bela praticava, o proseio do dia-a-dia, do fim de tarde, a prosopopeia, pasmem, era poesia pura.

Numa noite quente, de junho de 1969, Seu Chico levou toda família para frente da TV, no coreto da praça. Foram assistir a chegada do homem na lua. Só Dona Ângela ficou em casa, sentada numa cadeira de balanço, na calçada. Voltam a noitinha e encontram Dona Anja fumando cachimbo e olhando para a lua de prata acima do morro do Picôte. Ela zomba de toda família: - Vocês são é bestas, perderam foi tempo na frente da tevê-visão! Desde que escureceu estou aqui olhando pra lua e num vi nenhum americano colocando praca por lá! Dona Ângela havia derrubado a primeira Fake News, me afirma o poeta Chico Pascoal.

Dizem que os poetas nascem com olhos que ouvem, ouvidos que enxergam e o poder mental de captar o arrebatamento do tempo e das coisas. Chico Pascoal a tudo isso resguardava no espírito meninil, como no dia em que nevou na Ibiapaba: “O Ednardo saía apregoando pelas ruas: Vai nevar. vai nevar e não demora. Vocês vão ver. E o povo zombava. No sertão agreste das secas prolongadas, das temperaturas infernais? Onde ele tirava esta ideia maluca de que a neve ia vir um dia? Perguntavam: -Pra quando Ednardo? E o profeta respondia: - Chega no natal, no mais tardar, garantia, que natal é que é tempo de neve. Começou a construir um trenó, se vestiria de papai noel e aticaria as renas (Uma parelha de jégues com galhadas postiças de garranchos.)





e sairia por ai gargalhando rô! rô! rô! rô! Para alegrar a criançada. Na véspera de Natal, depois da missa, as famílias reunidas para a ceia pobre, a cruviana assoprando forte pelos frechais e, súbito, as féculas brancas começam a cair sobre os telhados das casas assustando os cachorros, hipnotizando os céuticos, enternecendo os corações. No meio da névoa deslizava o trenó de Ednardo com uma barba longa de capucho de algodão e a gargalhar um sonoro rô! rô! rô! rô!! Nisso um caboclo lá do Chora chegou esbaforido com a história de que no topo da serra, numa curva, tinha acabado de capotar um caminhão de farinha. Ninguém em Ibiapaba lhe deu atenção. estavam todos encantados com o milagre de natal.”

Já com asas de albatroz, o poeta não poderia ficar no sertão, encrespou asas e levantou voo a outros mares. E o mundo conheceu, admirou e laureou o grande poeta da Ibiapaba. São inúmeros os prêmios que conquistou no Brasil e no Exterior. Foi finalista do I Concurso de Contos do Bunkyo, do I Concurso de Contos Rota das Letras de Macau, China. Em 2015 foi um dos classificados no Concurso Monteiro Lobato de Contos do SESC-DF, Prêmio Henry Evaristo de Literatura Fantástica, Prêmio da Sociedade brasileira de Cultura Japonesa etc etc etc...

Após alguns anos ausente de sua terra natal, o poeta Chico Pascoal volta para rever amigos, parentes e matar a saudade de sua infância bem vivida na querida Ibiapaba. Bebeu da fonte onde sua poesia começou, mas deu um imenso presente para o local onde brotaram suas primeiras inspirações: O Hino da Ibiapaba: “Se seguires o curso do rio / Se subires rumo ao sertão / aos teus olhos verão verdes vales / Entre serras é minha terra, é meu torrão / Aqui nasci, vivi e parti e voltei / Não vou te deixar mais não! / Trilhos me levam / Sonhos me elevam / muito afinado ao chão, / Traz-me saudades / Traz-me IBIAPABA / Jamais se acaba essa paixão / Traz-me saudades / Traz-me IBIAPABA / Não vou te deixar mais não! / Quando a vista alcança o PICÔTE / já estás bem perto de chegar / Gente amiga, honesta e hospitaleira / As boas vindas logo vem te dá / Povo honesto trabalhador / Orgulho do meu Ceará. / Trilhos...

Até a próxima visita, grande poeta ibiapabano que ganhou o mundo e o mundo te admirou! Vamos ficar aguardando! 🎧

HISTÓRIAS DE ARACATI



ANTERO PEREIRA
ESCRITOR E MEMORIALISTA

CAMINHADA II

Depois de uma curta ausência, voltei a caminhar no dique do rio Jaguaribe. Nessa iniciada caminhada, depois desse afastamento, procurei encontrar pedaços e retalhos dos momentos vividos e deixados em algum recanto desse caminho num passado recente.

Acomodei os fones nos ouvidos, acionei o smartfone na plataforma musical Deezer, selecionei o *flow* e minha alma foi sendo sonorizada, envolvida pela canção “As Aparências Enganam”, na inconfundível, melancólica e nostálgica voz de Elis Regina.

O vento forte favorecido do leste agitava as águas do rio Jaguaribe e me forçava caminhar mais decidido, com mais impulso.

Passei pelo balanço à beira do dique, agora solitário, que um dia num final de tarde, encontrei uma moça linda a se balançar, parecendo um anjo barroco com seus cabelos encaracolados, que se negou a ser fotografada a um pedido meu, porém convidou-me a ir conhecer a Pousada em Canoa, onde trabalhava.

As *bikes* continuam a trafegar celeremente pelo dique, nenhuma, porém, nem leva e nem traz a menina linda e alegre que gritava por mim quando passava pedalando sua *bike* e que para a minha tristeza e desapontamento, nunca vi nitidamente seu rosto, nem mesmo sei seu nome.

Não vi mais a chusma de vadios cães vira-latas que em grupo circulavam livres e libertos pela calçada do dique. Talvez tenham sidos recolhidos pela carrocinha para algum abrigo ou simplesmente podem estar vagando por outras paragens, pois a liberdade dá essa condição de vagar por caminhos desconhecidos e incertos.

Ao final da tarde, quase escurecendo, o sol vai se retirando entristecido pelo colorido esmaecido do lusco-fusco dando espaço para a chegada de uma noite sem lua e sem estrelas. No som do smartfone o último eco da voz áspera e rouquenha do Belchior murmura: “Ano passado eu morri, mas este ano eu não morro”. 🎧



ÁRIES (21/03 - 19/04)

É o momento de usar sua energia para novos projetos, mas evitar conflitos desnecessários. No amor, evite impulsividade e aposte no diálogo. Cuide da saúde e tenha uma rotina equilibrada.



LIBRA (23/09 - 22/10)

No amor, o momento pede diálogo e compreensão mútua. Profissionalmente, surgirão novas oportunidades de crescimento. Cuide da autoestima e da saúde física.



TOURO (21/05 - 20/06)

Financeiramente, há chances de estabilidade, mas evite gastos excessivos. Aproveite o período para aprender algo novo. No amor, a paciência será chave para manter a harmonia.



ESCORPIÃO (23/10 - 21/11)

No campo profissional, é hora de finalizar projetos pendentes. No amor, evite conflitos e seja mais flexível. A saúde requer atenção, especialmente ao equilíbrio emocional.



GÊMEOS (21/05 - 20/06)

A comunicação será seu maior trunfo, tanto no trabalho quanto nos relacionamentos. Use essa habilidade clara para mal-entendidos e fortalecer vínculos. Reserve tempo para o autocuidado.



SAGITÁRIO (22/11 - 21/12)

O mês traz oportunidades de expansão e novos contatos. No trabalho, será propício para explorar novas áreas e habilidades. No amor, será importante abrir espaço para novas experiências.



CÂNCER (21/06 - 22/07)

É importante organizar suas contas e evitar dívidas desnecessárias. No amor, momentos de conexão profunda podem trazer maior estabilidade. Cuide da saúde emocional e procure relaxar.



CAPRICÓRNIO (22/12 - 19/01)

Mês de foco no trabalho, com oportunidades de crescimento, mas evite o excesso de responsabilidades. Organize suas finanças e mantenha a disciplina na saúde.



LEÃO (23/07 - 22/08)

Oportunidades no campo profissional surgirão, mas exigirão flexibilidade e adaptação. Financeiramente, o mês pede atenção aos detalhes. Mantenha o equilíbrio entre trabalho e lazer.



AQUÁRIO (20/01 - 18/02)

O mês será voltado para novos aprendizados e aventuras intelectuais. No amor, evite discussões e foque em soluções. Invista em atividades que beneficiem sua saúde física e mental.



VIRGEM (23/08 - 22/09)

Momento propício para revisar metas e reavaliar projetos. No amor, a comunicação será fundamental para manter a harmonia. É um mês favorável para reorganizar suas finanças.



PEIXES (19/02 - 20/03)

No campo profissional, será importante ajustar rotas e reorganizar suas metas. Nos relacionamentos, priorize o diálogo. Cuide da saúde, especialmente do seu bem-estar emocional.



Receita na airfryer: Frango com legumes

A airfryer já virou o eletrodoméstico queridinho dos lares cearenses, mas, será que você está sabendo tirar realmente proveito da sua? A vantagem de reduzir calorias e aumentar saúde na fritura sem óleo é o grande atrativo do utensílio, mas há muito mais vantagens na praticidade que a fritadeira oferece. Confere a receita que separamos hoje: Frango com legumes na airfryer.

Ingredientes

- 1 kg de sobrecoxas
- Sal a gosto
- 1 colher de chá de açafrão-da-terra
- 1 colher de sopa de alho picado
- Orégano a gosto
- 2 cebolas
- 2 tomates
- 1/2 pimentão verde
- 1/2 pimentão vermelho
- 1/2 pimentão amarelo
- 1 cenoura
- 300 gramas de batata descascadas e picadas
- 3 colheres de sopa de manteiga

Modo de preparo

1. Reúna todos os ingredientes;
2. Em um recipiente, tempere as sobrecoxas com sal, pimenta, açafrão e alho. Reserve;
3. Então, em uma tábua, pique as cebolas, os pimentões, os tomates e a cenoura em pedaços grandes;
4. Disponha os legumes na fritadeira e em seguida cubra com as sobrecoxas;
5. Em seguida, coloque as batatas na bacia em que o frango foi temperado;
6. Tempere as batatas com sal, orégano, manteiga e, então, coloque-as sobre o frango. Leve tudo para a frigideira pré aquecida a 180 °C por 15 minutos;
7. Depois do tempo necessário, vire o frango, deixando-o por cima das batatas. Deixe mais 30 a 40 minutos na airfryer, na mesma temperatura de 180 °C;
8. Está pronto! Sirva e aproveite essa refeição divina.

Restaurante e Pizzaria

SuperGrill+

Muito mais para você!

3421-2964

Aracati - Ceará



DIDEUS SALES

dideussales@bol.com.br

NÃO CONSINTA QUE A TRISTEZA INVADA SUA ALEGRIA

Se algum acontecimento
Ofuscar do riso o brilho,
Não permita um empecilho
Furtar seu contentamento;
Se sentir nalgum momento,
Um ar de melancolia,
Um banzo, uma nostalgia,
Um espanto, uma estranheza...
Não consinta que a tristeza
Invada sua alegria.

Não deixe a resiliência
Ser tomada de assalto,
Caminha sem sobressalto
Quem age com coerência.
Se o furor da prepotência
Lhe provocar avaria,
O véu de sua empatia
Cobrir-lhe-á de beleza.
Não consinta que a tristeza
Invada sua alegria.

Ainda que o mundo imponha
Motivos para ser duro,
Acredite no futuro,
Só realiza quem sonha.
Ao pessimismo se oponha,
Sorva o viver com magia,
Quem não nutre fantasia
Só vê na vida dureza.
Não consinta que a tristeza
Invada sua alegria.

Não se avulte na descrença
Em sua vida distinta,
Que lhe firam, não consinta,
Releve uma leve ofensa,
Se você estuda e pensa,
Condensa sabedoria
E jamais se vangloria
Por deter essa riqueza.
Não consinta que a tristeza
Invada sua alegria.

Acarinhe a autoestima,
Mime a autoconfiança,
Afague a perseverança,
Valorize quem lhe estima,
Quem tem fé não se lastima
Nem nos reveses arria;
Se estampar simpatia,
É da sua natureza,
Não consinta que a tristeza
Invada sua alegria.

Seja tenaz e preciso
Em suaves atitudes,
Prime por grandes virtudes,
No que diz, seja conciso,
Acenda a luz do sorriso
Para exalar harmonia,
Faça melhor o seu dia,
Espalhando gentileza.
Não consinta que a tristeza
Invada sua alegria. ☺



Aracati

Indústria, comércio e serviços gerando desenvolvimento



**MADEIREIRA
Dunorte**

- (88) 99726-1888
- (88) 3421-3519
- madeireira.dunorte
- madeireirad@gmail.com
- Rua Coronel Alexandrino, 1886
Centro, Aracati-CE



**CERÂMICA
ARMANDO
PRAÇA**

A decisão inteligente

Matriz

Rua Armando Praça, s/n - Aracati: 3421.1121
e-mail: ceapra@hotmail.com



APACEL
CONSTRUINDO HISTÓRIAS

Rua Cel. Alexandrino, 815
Fone: 3421.1676

DEPÓSITO

Litoral
Materiais para Construção

Rua Dragão do Mar, 838 - Tel: 3421.2440



EGIDIO BARRETO
Advocacia

Rua Coronel Alexanzito, 121 - Centro - Aracati-CE
(88) 3421.1145 | 99964.3737
advocaciaegidiobarreto@gmail.com

METALÚRGICA E SERRALHARIA
O César

Fabricação de grades e portões de ferro e de alumínio, toldos,
portas de enrolar, forro PVC e box para banheiro
(alugamos andaimes).

Rua Tabelião João Paulo, 411 - Centro - Aracati
metalurgicaeserralhariaocesar@hotmail.com
(88) 99962-4867

Pousada

Bons Ventos

A você

www.pousadabonsventos.com.br

Aracati, Terra dos Bons Ventos



VILLA
Nova Holanda
1920
MEMÓRIA - AFETO - ACONCHEGO



Nossos Serviços

01

Serviço de hospedagem em chalés especiais, equipados com mini-cozinha, camas, chuveiro elétrico e wi-fi. Perfeitos para desfrutar uma estadia tranquila durante uma visita à serra.

02

Visitas guiadas pelo memorial da família Holanda, contando a história da construção da casa e um pouco sobre a cultura do café da região, fazendo o visitante imaginar o estilo de vida das famílias antigas e tradicionais do Maciço.

03

Café ou chá da tarde especial, com delícias da serra servidas em louças de época, fazendo com que o visitante se sinta completamente imerso na experiência que a Villa Nova Holanda oferece.

04

Almoço todos os sábados mediante reserva. Venha saborear nossos deliciosos pratos.



*Uma casa centenária,
lar de uma história que você
precisa conhecer de perto!*

ENTRE EM CONTATO

Max Cid Bastos

(85) 982237209

Max Cid Holanda

(85) 999857913

Estrada do Café - Mulungu/CE
contato@villanovaholanda.com.br
www.villanovaholanda.com.br